

— Sou coronel da Guarda Nacional e presidente da Câmara no município em que residia.

— Bem, coronel, vejo que merece os socorros do Estado. Tomarei em toda a consideração a sua pobreza.

— Agradecido. Desejava saber com quem tenho a honra de falar?

— Com Simeão de Arruda, comissário distribuidor de socorros públicos.

— Muito estimo conhecê-lo.

— Obrigado, voltarei amanhã, adeus.

O comissário, dando de rédeas, continuou a excursão. Ia perdido pela beleza de Carolina. O nome de Freitas não lhe era estranho; lembrou-se finalmente da carta de Inácio da Paixão, que havia aberto e lido.

O coronel, a mulher e os filhos teriam passado dias de completo jejum, se uma família abastada, que residia na vizinhança, não se condoesse das crianças e não lhes mandasse algum socorro.

Na manhã seguinte a primeira pessoa que viu Manuel de Freitas foi Simeão de Arruda. O comissário, estava apaixonado pela moça, que seduziria, custasse o que custasse. Contudo, não achava muito fácil a realização de seus desejos — o seu primeiro passo seria no sentido de conquistar o coração de Carolina, depois de granjear a simpatia e gratidão dos pais com repetidos favores. Assim procedendo, pensava ser fato consumado a sedução da moça. Se esses meios falhassem, lançaria mão de uma arma poderosa e terrível — a miséria. Havia de rendê-los pelo dinheiro ou pela fome. Todos estes pensamentos ocorreram-lhe durante a noite, no leito, ao lado da esposa.

Simeão, chegando à palhoça, cumprimentou a todos de um modo afável e delicado. Dirigindo-se a Freitas, disse-lhe:

— Como lhe prometi, coronel, trato de prestar-lhe os meus serviços. De hoje em diante receberá víveres para subsistir com sua família, até que possa lhe obter um emprego digno de sua posição.

— Eternamente obrigado, senhor comissário. Se fosse possível trabalhar logo, para ganhar o pão, ser-me-ia mais agradável.

— Veremos isso com mais demora. Em primeiro lugar, vou procurar abrigá-los melhor.

Josefa ouvia cheia de contentamento as promessas de Simeão. Para ela não havia dúvida que aquele homem era um enviado do céu, o anjo da guarda que vinha defendê-los de todos os perigos. Agradecida, disse-lhe:

— Permita-me V. S<sup>a</sup> que em nome de meus filhos, agradeça os seus favores e atenções.

O comissário, em cômica postura e revestindo-se de uma gravidade que lhe não era própria, respondeu:

— Grato às expressões delicadas com que V. Ex<sup>a</sup> acaba de honrar-me; é de minha obrigação dizer-lhe que nada tem a agradecer-me. Cumpro o meu dever prestando serviços à humanidade, sem outra remuneração a não ser a consciência de um ato bom.

A mulher de Freitas estava admirada de tanta virtude. Cada vez mais se convencia de que o comissário era um enviado de Deus.

Arruda, não querendo prolongar mais aquela cena, temendo comprometer-se, retirou-se, depois de apertar com efusão a mão de Freitas e dizer-lhe:

— Permita-me que me retire, coronel; é preciso não perder tempo; a peste e a fome não têm coração e não se conta o número de suas vítimas. É preciso procurar os que sofrem e enxugar-lhes as lágrimas. Hoje mesmo lhe serão entregues víveres para oito dias.

Pouco tempo depois da retirada do comissário, chegava à palhoça um empregado de Arruda, acompanhado de dois retirantes carregados de gêneros alimentícios. Traziam tudo que era necessário à vida.

Josefa recebeu o presente e de joelhos bendizia a mão protetora que Deus havia enviado para levantá-los.

Freitas, disposto a dar segundo passeio à Fortaleza, disse a sua mulher:

— Vou à cidade falar com o comendador, para me obter um emprego.

— E o conhece?

— Pessoalmente, não. É chefe de meu partido, deve atender-me e conhecer-me.

— Não é melhor esperar pelo emprego de nosso protetor?

— Gosto de andar a duas amarras.

E saiu.

## CAPÍTULO II

MANUEL DE FREITAS bateu à porta de um dos bons prédios da Fortaleza, a casa do comendador \* \* \*. Apareceu-lhe um criado, que, depois de olhá-lo com indiferença, voltou-lhe as costas sem dar palavra.

Freitas compreendeu o silêncio do servo; não merecia ser anunciado. Sentia o terrível jugo da dependência, era humilhado pela primeira vez na vida. Quis voltar e esconder-se em sua palhoça, a tragar as amarguras do infortúnio, mas isso era uma covardia, era entregar-se à indolência, ao aviltamento da esmola.

O coronel se anunciou outra vez, e, aparecendo-lhe, o mesmo criado disse-lhe com insolência:

— Não me incomode com suas palmas. O senhor comendador não fala a retirantes.

Freitas sentiu-se cada vez mais ferido em seu amor-próprio. Ia retirar-se, quando se abriu a porta da escadaria e apareceu-lhe o comendador.

— Tenho a honra de conhecer pessoalmente V. Ex<sup>a</sup>, disse Freitas.

O comendador deu-lhe friamente as pontas dos dedos e perguntou-lhe:

— O senhor quem é?

— Manuel de Freitas, da cidade de...

— Sim, senhor, estimo em conhecê-lo, e sinto não poder prestar-lhe atenção por causa de muitos afazeres que tenho hoje.

E continuou a descer a escada.

— Obrigado. Não perdi de todo o meu tempo, fiquei-o conhecendo.

O comendador parou imediatamente. As palavras do coronel o abalaram. Era atrevido, mas covarde; tinha o defeito dos cães que ladram muito, mas só mordem a furto.

— O coronel queira desculpar-me, só agora é que pude recordar-me de V. S<sup>a</sup>. Talvez pretenda um emprego, não é assim?

— Queria conhecê-lo.

— Não, senhor, é preciso V. Ex<sup>a</sup> não se zangar com os seus amigos. Estou afastado de palácio e da política. Se fosse em outros tempos o coronel podia contar com um dos melhores empregos daqui, mas estamos debaixo, não se pode fazer nada.

— Suponho que não pedi a V. Ex<sup>a</sup> emprego e nem favor algum.

— Não há dúvida, mas se houver mudança de presidente, pode ser que tudo se arranje. Ninguém merece mais que V. Ex<sup>a</sup>. O nosso partido muito lhe deve. Ninguém foi mais leal e obteve mais triunfos. Deixe estar que algum dia os seus serviços serão recompensados.

— Quando dediquei-me à causa dum partido não foi visando a interesses e recompensas. Passe bem, senhor comendador.

E Freitas desceu a escada. Chegando à rua, voltou ao rancho.

Simeão de Arruda vira o coronel entrar em casa do comendador e foi à palhoça, para conversar mais à vontade.

— Venho saber, minha senhora, se meu criado entregou ontem os gêneros que prometi, perguntou o comissário a D. Josefa.

— Entregou, e estamos muito agradecidos à bondade de V. S<sup>a</sup>.

— Onde está o coronel?

— Foi à cidade.

— Parece-me que V. Ex<sup>a</sup> tem a ventura de possuir um bom marido.

— Graças a Deus.

— Sua filha não tem gostado daqui?... Está sempre triste...

— Talvez alguma saudade a faça cismar! Não é assim, D. Carolina?

A moça antipatizou com o comissário, desde a primeira vez que o viu, e agora sua conversação, toda fútil, toda banal, concorreu para que aquele sentimento mais se acentuasse.

Arruda estava em uma situação difícil. Acontecia a ele o que se dá todos os dias nos grandes salões; insossos diálogos de criaturas de sexos diferentes e que se encontram pela primeira vez.

— Saudade do lugar em que nasceu e passou a infância? perguntou Simeão.

— Talvez, respondeu a moça.

— Das amigas que deixou, senhor comissário, disse Josefa.

— Aqui, muito breve, terá outras. Ainda vou distribuir socorros a mais de quinhentas famílias. Amanhã trarei um livro para distraí-la, D. Carolina.

— Queira não se incomodar.

— Não me incomoda, dá-me prazer.

E Arruda, despedindo-se, saiu para o abarracamento. Ia desapontado: parecia-lhe haver estreado mal. As reservas de Carolina, suas palavras ditas em um tom todo especial e de quem está aborrecido, haviam-lhe incitado o despeito e, agora mais do que nunca, jurava prostituí-la.

Mal o comissário perdia de vista a palhoça, chegava Freitas, triste e desalentado. Voltara sem uma esperança!

Josefa contou-lhe a visita de Simeão e mais promessas. O coronel ouviu tudo de sobrolho carregado e disse:

— É generosidade demais! No tempo em que eu era crédulo, podia deixar de ver, nesses repetidos favores, a manha, a astúcia; mas hoje, não.

— Quererás desconfiar da bondade do nosso protetor, Manuel?!

— Não tenho ainda razões para isso. Estarei de guarda, sempre alerta, pois é enorme a raça de hipócritas. Galvaniza-se a fisionomia com a mesma facilidade com que os ourives galvanizam os metais. Não existe hoje amizade que mereça um sacrifício! Fui pedir a proteção do comendador, o mesmo que ontem abria-me as portas de seu palácio e punha os seus serviços à minha disposição.

— E como te recebeu ele? perguntou Josefa.

— Como se recebe um mendigo. Até os seus criados zombaram de mim!...

— Devemos fugir dos maus e confiar nos bons, Manuel.

— E como distingui-los? As aparências iludem muito.

— A virtude é conhecida.

— Não julgues o bom por bom e nem o mau por mau; é esta uma das sentenças mais sábias que conheço.

— É preciso mais calma, mais prudência, Manuel.

— Cansei, Josefa. Não avalias o que tenho sofrido! Não sabes mesmo as cenas horrorosas de que fui testemunha nos caminhos do sertão! Tudo eu calava, concentrava tudo por amor do teu sossego, do feliz êxito de nossa peregrinação! Chegamos com vida ao porto, não do destino, porque na luta em que estamos envolvidos não há previsão de sorte; mas ao centro das operações, onde o soldado ou segue para a vala, ou deserta, fora, procurando melhor pátria.

— As tuas palavras me mortificam, Manuel!

— De hoje em diante, te comunicarei a nossa posição, nada quero que ignores.

— Deus seja em nosso favor.

— Custa-me essa franqueza rude, mas é necessária. Supõe que eu falte amanhã e te deixe ignorante do meio em que estás vivendo: com certeza serás uma vítima, do destino e da minha imbecilidade. Quero que se caíres no abismo, tenhas consciência das conseqüências da queda.

— Deus sobretudo, Manuel.

### CAPÍTULO III

NA MANHÃ que sucedeu ao dia da última visita à palhoça de Freitas, o comissário, montando em seu cavalo negro, seguiu em direção ao rancho do coronel. Ia levar um romance a Carolina, e socorros em dinheiro e fazendas a Freitas. A família tinha-se levantado, havia pouco tempo.

Arruda apeou-se no terreiro da palhoça e entrou, pedindo licença:

— Bom-dia, coronel, D. Josefa e D. Carolina.

Todos se levantaram e saudaram com respeito o comissário.

— Como vai o coronel? perguntou Simeão.

— Assim, assim...

— Vim trazer-lhe dois cartões, um para receber fazendas, para vestir-se com a família, e outro para tirar semanalmente três mil-réis.

— É muita bondade, Sr. Arruda, disse Freitas.

— Nada tem que agradecer-me, tudo deve ao seu merecimento e ao patriotismo do nosso governo.

— E, não é preciso trabalhar para ter direito aos socorros públicos?

— É, porém o coronel não se há de sujeitar à degradante condição de carregador de pedras. O único interesse que temos nestas comissões é proteger nossos amigos.

— Não desejo que V. S<sup>a</sup> por minha causa deixe de cumprir os seus deveres. Se o governo ordena que o retirante carregue pedras, para ter direito à ração, eu irei à pedreira.

— A responsabilidade é minha, e disso não pode vir ao coronel mal algum.

— Sou muito amigo da ordem e respeitador do princípio de autoridade.

— O coronel não conhece a capital e os seus homens.

— Mais talvez do que V. S<sup>a</sup> supõe.

— Vou ao abarracamento.

O comissário despediu-se e caminhou até junto de seu cavalo, de onde voltou ao rancho:

— Ia esquecendo o romance que prometi a D. Carolina.

— Certamente traz a *Mulher Forte* para minha filha ler, disse Freitas.

O comissário perturbou-se um pouco e, aproximando-se da moça, disse, entregando-lhe o livro:

— Há de gostar desse romance, D. Carolina.

— Permita que peça o favor de dá-lo a meu pai; nada leio sem que ele o autorize.

O comissário perturbou-se mais ainda com a recusa.

Quase automaticamente depositou o livro nas mãos de Freitas e saiu com pressa.

“Ao portador dêem-se: quarenta metros de chita, duas peças de madapolão,<sup>33</sup> duas calças de brim, quatro camisas para homem e uma peça de cambraia”, lia Freitas em um dos cartões furta-cor que recebera de Arruda.

— Uma peça de cambraia!! Será possível que o governo consinta em semelhante abuso? Esta ordem deve-se inutilizar, exclamou Freitas indignado.

— Não, Manuel, recebe as outras fazendas e deixa a cambraia; ou então pede ao Sr. Arruda para reformar o cartão.

## CAPÍTULO IV

SIMEÃO DE ARRUDA pensava que o coronel ficaria muito satisfeito com a cambraia oferecida a Carolina. Contava vencer todos os obs-

<sup>33</sup> Denominava-se, geralmente, até poucas décadas, no Nordeste, assim, uma espécie de *morim* grosseiro, mais de uso masculino.

táculos. Entretanto precisava de um auxiliar e lembrou-se de uma feiticeira sua conhecida. Era a Quitéria do Cabo, e chamavam-na assim por ter sido muitos anos vivandeira de um cabo do Exército.<sup>34</sup> O povo a apelidava de feiticeira, porque se metia a adivinhar, a tirar feitiço, benzer erisipelas, curar osso rendido, coser carnes quebradas, sarar feridas de garganta, levantar espinhelas caídas e outras bruxarias. Era grande a clínica; os seus fregueses consideravam-na ótima curandeira e temiam seus malefícios. Os vizinhos respeitavam-na, temendo cair em seu desagrado. Em segredo diziam que Quitéria tinha pacto com o diabo, com quem conversava todos os anos, na véspera de São João, em uma encruzilhada, à hora da meia-noite.

A fisionomia da feiticeira e seus hábitos levavam a crer que em sua vida havia mistério. Vivia só. Dizia-se viúva e por isso trajava sempre um vestido preto. Era branca, rosto pálido e bastante sulcado pela velhice, tendo rugas mais salientes e em maior número do que exigiam os seus cinquenta anos. Um nariz enorme e curvo, como o bico das aves de rapina, levantava-se como uma parede em meio de dois olhos pequenos vivos e verdes, com raríssimas pestanas, arqueadas sob grossas sobranceiras grisalhas. A testa enorme e arrampada para a nuca fazia um contraste com o queixo pontiagudo, que, à falta absoluta de dentes, deixava unir os maxilares e beijava a ponta do nariz. As orelhas enormes parece que cresciam, havia meio século; eram tão finas, que quase a luz as atravessava, e estavam presas ao rosto como as aldrabas a um baú. Balançavam, ao menor movimento do corpo, e quase tocavam as clavículas.

Quitéria era assim fisicamente e no moral um aleijão também.

De uma avareza extrema, cometeria todos os crimes, assim lhe dessem dinheiro. Era devota e dizia-se temente a Deus. Ouvia missa diariamente, mas, quando voltava da igreja, escondia-se atrás da veneziana da rótula a observar o dia inteiro o que se passava na vizinhança. Confessava-se todas as semanas, jejuava nas quartas e sextas-feiras, e à noite não se deitava sem rezar um rosário de quinze mistérios. Cingia-lhe a cinta um grosso cordão de São Francisco e pendiam-lhe do pescoço bentos, medalhas, terços, orações milagrosas e alguns *patuás*<sup>35</sup> cosidos em pano preto. Temia o inferno e nunca chamou pelo diabo em presença de pessoa alguma. A sala de visitas

---

<sup>34</sup> Embora no sentido tradicional sejam denominadas *vivandeiras* mulheres que, antigamente, acompanhavam os exércitos em luta, vendendo gêneros alimentícios, no texto, R. T. empregou a palavra na acepção de *amásia*.

<sup>35</sup> Generalizadamente, receptáculos móveis, em que se transportam objetos leves. No texto, o autor se refere a uma espécie de amuleto que os sertanejos crédulos levavam ao pescoço, na crença de espantar malefícios.

e a alcova eram decoradas com retratos de santos e santas em caixilho de madeira envernizada.

Simeão de Arruda lembrou-se de uma excelente auxiliar. Os serviços de Quitéria seriam pagos pela verba *Socorros Públicos*. Era necessário cuidar logo da construção de uma casa para Freitas, e seria construída nas imediações da habitação da feiticeira. O comissário acreditava que o bom êxito de sua empresa dependia de Carolina vizinhar com Quitéria. Assim obteve um terreno perto da casa da feiticeira e deu começo à edificação. Todos os materiais seriam das olarias do governo e de seus depósitos; os operários seriam pagos com víveres do Estado.

Havia sido suspensa a construção dos abarracamentos e Simeão levantava com socorros públicos uma casa, que figuraria entre os seus imóveis.

O serviço marchava acelerado, graças ao salário dobrado que os operários recebiam.

A feiticeira, curiosa, observava aquela construção e estava vexada<sup>36</sup> por saber alguma coisa a respeito. Pensou que seria algum abarracamento, por ser o serviço feito pelos retirantes. Sob seu postigo parafusava<sup>36a</sup> sobre a nova casa quando viu que se aproximava o comissário. Simeão percebeu por detrás da veneziana os olhos verdes de Quitéria. Não perdeu ocasião de entabular o seu negócio, e dirigiu-se a ela:

— Muito boa tarde, minha senhora.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas, meu capitão; V.S.<sup>a</sup> por aqui?!

— E de agora em diante terá de me ver muitas vezes em sua rua. Estou construindo ali uma casinha para uma família retirante. Pobre gente, está arranchada numa ruim palhoça.

— Credo! que vêm fazer esses *cafutes*<sup>37</sup> no meio da gente limpa?

— Não, senhora; é uma família importante que tem educação e foi rica.

— Logo vi, e se assim não fosse, que ficassem à sombra dos cajueiros.

— Se a senhora visse o seu estado, faria o mesmo que estou fazendo. Desde já os recomendo à sua amizade e proteção.

---

<sup>36</sup> R. T. empregou *vexar* no sentido peculiar do linguajar popular nordestino — *ter pressa*.

<sup>36a</sup> O verbo parafusar tem a nítida significação de preocupar-se, de dar *tratos à bola*.

<sup>37</sup> Palavra popular, eufemística, com que o populacho, antigamente, cognominava o diabo, cujo nome era de enunciação proibitiva para os crédulos.

Quitéria compreendeu o pensamento do comissário e tratou de explorá-lo.

— Quem sou eu, meu capitão, pobre velha que passa, sabe Deus como! Antigamente ainda ganhava algum vintém com as minhas mezinhas. Acabou-se isso, com a miséria do povo.

— E não recebe socorro de alguma comissão?

— Isso não chega para mim, velha e feia...

— Estou surpreso! É uma injustiça, uma crueldade se deixar passar privações uma viúva honesta e que honrou sempre o nome de um soldado distinto do Exército brasileiro.

Duas grossas lágrimas caíram nas faces de Quitéria.

— Diz a verdade. Só sabe de meu merecimento quem me conhece.

— Descanse, D. Quitéria, não se mortifique por isso; eu tomarei em toda a consideração as suas necessidades. Amanhã lhe mandarei algum socorro e continuarei a remir as suas precisões, enquanto o governo distinguir-me com sua confiança.

— *É Deus*, que ainda existem almas caridosas!<sup>38</sup> Hei de recomendá-lo, meu capitão, em minhas orações. Todas as noites não o deixarei sem uma salve-rainha a Santa Rita dos Impossíveis.

— Rogue a Deus para pôr termo a esse horrível flagelo. É o favor maior que me poderá fazer. A tarefa está sendo superior às minhas forças. Custa-me muito sacrifício a contemplação das cenas da miséria!

— Deus lhe dará forças, meu capitão. Ah! se meus rogos servissem!... Quem pode com a cólera do céu, quando quer castigar os nossos pecados?! Frei Vidal<sup>39</sup> dizia, em suas santas missões, que viria tempo que ninguém saberia o lugar onde existiu a cidade do Forte. Eu ouvi isso de sua sacratíssima boca.

— Amanhã lhe mandarei alguma coisa. Adeus.

— Acompanhado seja dos anjos, meu capitão.

O comissário saiu satisfeito e Quitéria o acompanhava com um olhar de triunfo e um riso de ironia. Perspicaz, compreendeu que

---

<sup>38</sup> Razão teve, no grifar a expressão, o romancista. Ela era empregada pelo vulgo na acepção de *Graças a Deus* ou, então, *o que nos vale*.

<sup>39</sup> Trata-se de Frei Vidal de Frescarolo, italiano, mais conhecido como Frei Vidal da Penha, por ser frade no convento da Penha, no Recife. Segundo D. José Tupinambá da Frota, autor da obra *História de Sobral*, Editora Henriqueta Galeno, Ceará, 1974, “depois de ter missionado nesta região (Sobral) em 1785, regressou novamente a Fortaleza, onde chegou em dezembro de 1796, e aí abriu as santas missões” etc., etc. Para prosseguir: “As missões pregadas pelo célebre capuchinho e missionário apostólico nunca foram esquecidas, tornando-se lendárias as profecias a ele atribuídas, segundo as quais a praça da Matriz de Sobral ainda havia de ser “cama de tubarões”.

Simeão precisava de seu auxílio para algumas de suas conquistas amorosas. Ajudá-lo-ia conforme o preço de seus serviços.

No dia seguinte, o primeiro trabalho de Arruda foi mandar encher a despensa de Quitéria de gêneros alimentícios.

A feiticeira recebeu contentíssima o presente; nunca viu tanta abundância.

Arruda não poupava esforços para a conclusão da obra. Sabia que Carolina só podia ser sua, vizinhando com Quitéria. Ele prometia gratificações aos operários, visitava a casa em construção, três vezes diariamente, enfim, dia e noite, não pensava em outra coisa.

## CAPÍTULO V

SIMEÃO DE ARRUDA dirigiu-se à palhoça onde, havia dois dias, não aparecia, e lá encontrou Edmundo da Silveira, que, chegando do interior da província, visitava a família Freitas.

O comissário não gostou da visita.

Edmundo tinha vinte e cinco anos, era inteligente e de bons costumes. Não foram estes dotes que desagradaram a Arruda, mas a regularidade de suas feições. Os olhos, barba e cabelos, de um negro cor de jucá,<sup>40</sup> assentavam admiravelmente sobre o rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense.<sup>41</sup>

Edmundo ficara órfão muito criança e muito pobre. Um seu tio padre, encarregou-se de sua educação e mandou-o para o seminário da Fortaleza. Silveira aproveitou bem o tempo e a inteligência. Em três anos havia concluído os preparatórios exigidos para matrícula nas faculdades do Império. Estava preparado para entrar em qualquer curso superior. Queria ser bacharel em ciências jurídicas e sociais; padre, nunca. Resolvido a cursar a Faculdade de Direito do Recife, dirigiu-se ao tio comunicando-lhe sua resolução e pedindo-lhe autorização e meios para levá-la a efeito.

---

<sup>40</sup> A expressão "negro da cor de jucá" revela, em R. T., a preocupação regionalista. A árvore do jucá *Caesalpinia ferrea*, da família das leguminosas, é característica, do litoral ao sertão nordestino. Tem o cerne arroxeadado, quase preto.

<sup>41</sup> O autor, já ao tempo, atentava para a peculiaridade morfológica craniana do cearense, que, em razão disto, é, ainda hoje, chamado pelos de outras regiões "cabeça-chata".

O velho padre pensava de modo diverso, não admitia vocações. Tanto fazia ser clérigo como soldado, alfaiate como médico, a questão capital era ganhar dinheiro. Procurava o caminho mais curto, e a inclinação era letra morta no curso da vida. Quando mandou o sobrinho para o seminário foi para fazê-lo padre; nada havia de mais nisso. Se odiasse o celibato, podia formar família, como ele havia feito, depois de vigário.<sup>42</sup>

A carta de Edmundo contrariou o tio, que respondeu-lhe reprovando formalmente sua resolução e declarando-lhe não concorreria com um real para estudos feitos fora do seminário. Edmundo recebeu o desengano, voltou para o sertão e fez-se rábula. Vegetou no interior alguns anos até que a seca o fez emigrar para a capital. Chegando à Fortaleza, casualmente se encontrou com Freitas e foi à palhoça. Conversavam sobre o estado do sertão, quando chegou o comissário, que cumprimentou a todos com muita amabilidade e se dirigiu a Freitas.

— Os meus afazeres não me têm deixado aparecer. Aumentam todos os dias os meus trabalhos!

— Conhecemos suas ocupações, Sr. Arruda.

— Este moço é certamente algum parente do coronel?

— Não, senhor, é meu amigo e morávamos na mesma cidade.

— E hoje estou aqui como retirante, disse Silveira.

— Mas não carrega pedras?...

— Ainda não estou resolvido a isso.

— Não tem emprego ainda?

— Nem promessas.

— É solteiro?

— Até hoje.

— Será mais fácil qualquer arranjo.

Simeão olhava para Edmundo com maus olhos: via nele um rival.

— O Sr. Arruda pode ter a bondade de reformar o cartão que me ofereceu? perguntou Freitas.

— Algum erro, coronel?

— Um engano.

E entregou o furta-cor ao comissário.

— Não encontro engano algum!

— É sobre a peça de cambraia minha dúvida, Sr. Arruda.

— Oh! coronel, o senhor é muito susceptível! Quis provar-lhe minha amizade, oferecendo uma fazenda melhor a sua digna filha.

---

<sup>42</sup> Desassombradamente, R. T. alude a uma constante, na vida das sociedades nordestinas do passado, nos quais não era estranha a existência de vigários afeiçoados por mancebia, o que se justificava pois, na maioria, não eram vocacionais.

— Muito nos penhoram suas finezas, mas pode vir disso alguma censura e não quero que V. S<sup>a</sup> sofra por nós o menor dissabor.

— Não, senhor. Tomo a responsabilidade de meus atos e não admito que um tesoureiro pagador faça a menor objeção ao cumprimento de uma ordem minha. Tenho dado cambraia a centenas de emigrantes, sem que fosse por isso censurado.

— Estou certo disso, mas há de fazer o favor de excluir a cambraia. Não consinto que minha filha, que já vestiu seda, traje um vestido fino quando seu pai, para comer, recebe esmolas.

— O coronel quer, que se há de fazer? . . .

E o comissário, tirando o lápis da carteira, inutilizou a ordem da cambraia.

— Então tem gostado do livro, D. Carolina? perguntou Arruda.

— Ainda não o li.

— A propósito do livro, senhor comissário, suponho que se enganou, porque o romance que deixou é tão livre, que nem eu quis lê-lo, disse Freitas.

— Será possível, coronel?! Dar-se-ia o caso de ter-me enganado?

— Ei-lo; basta o título e o autor, disse Freitas, entregando o livro a Arruda.

— Perdão, coronel, este livro nem me pertence. É de um amigo que, sem dúvida, deixou-o sobre minha secretária. A encadernação do que pretendia trazer é semelhante, e daí o engano.

— Está desculpado.

— Agora me permita que louve o seu modo de educar.

E, visivelmente perturbado, se despediu e saiu.

Edmundo estava curioso por saber o título do livro, e, logo que Arruda se retirou, perguntou a Freitas:

— Qual era o livro?

— Um romance da época.

— Realista, por certo, uma fotografia de costumes e atos reprovados. A história de um homem vicioso ou de uma mulher depravada. Estudos psicológicos, que devem ser lidos por espíritos cultos e amadurecidos. Esses comissários são audazes! . . .

— Não julgue assim, Sr. Edmundo, pode ter-se dado o engano, ponderou Josefa.

— Quanto mais velha ficas, mais crédula, disse Freitas.

— Está ficando tarde, e é preciso que torne a casa.

Edmundo afetuosamente se despediu de seus conterrâneos, acariciou os meninos e saiu.

Ia pensando em Carolina, a quem amava desde muito tempo. O seu amor, que não tinha sido até então compreendido pela moça, era malvisto de Josefa, que o havia adivinhado. A pobreza de Silveira era o único tropeço, o único obstáculo àquela união. Agora a cena

mudava-se. A seca, com um tremendo golpe, destruiu as fortunas e aniquilou os preconceitos, e, desaparecidas as posições, a todos nivelou.

Carolina, até o momento da visita de Edmundo, não o tinha amado um instante. Vivia enamorada de seus folguedos de criança. Nada entendia dos seus olhares apaixonados e não compreendia suas palavras. As saudades do sertão, as contrariedades do infortúnio fizeram-na acordar do sono de adolescente, para impressionar-se com as realidades da vida.

Edmundo encontrou-a saudosa ainda dos brincos<sup>43</sup> infantis, deixando a imaginação entregar-se ao gozo das recordações do passado, mas pensando também no futuro, do qual nunca se havia lembrado.

A visita do moço impressionou-a e, por um desses caprichos tão comuns ao coração humano, antes de retirar-se ele, Carolina já o amava. Não sabia o que se passava. Acordara em um mundo novo, os sonhos eram diferentes, seguia outra miragem. Era-lhe impossível brincar como outrora.

Depois que Edmundo saiu, afastou-se dos pais, para chorar à vontade. As lágrimas caíam-lhe nas faces e não sabia por que chorava! O amor que nascia recebia o batismo do pranto.

Silveira voltava à casa com a alma repleta de esperanças.

Os espíritos se falaram, embora os lábios se conservassem mudos!

Enquanto Edmundo e Carolina idealizavam um mundo de gozos, uma vida de flores, um ninho feito de felicidades para neles desfrutarem o amor, Simeão de Arruda, contrariado, ralado de ciúmes, jurava vingar-se de Silveira. O seu exagerado amor próprio não admitia que Carolina preferisse uma afeição que a levaria ao altar, aos galanteios do sedutor, a um amor reprovado, cujo fim seria o lupanar.

O comissário, disfarçando todo o ódio em uma proteção franca e leal a Silveira, armava-lhe uma grande cilada. Um emprego no armazém de víveres do governo a seu cargo lhe seria oferecido, sendo o laço que o deveria inutilizar. O lugar de fiel de armazém era uma boa arrumação para quem estava desempregado. O comissário não tratou de consultar a Silveira, e, antes de ouvi-lo, dispensou o empregado que ocupava o lugar, que era um homem probo e trabalhador. Implorou a Arruda, pediu que não lhe tirasse o pão da família; mas o comissário, com a maior crueza, deu-lhe as costas para não lhe ouvir as súplicas.

---

<sup>43</sup> Em Teófilo, como, de resto, em todos os ficcionistas cearenses seus contemporâneos, havia, a par dos regionalismos, certos empregos injustificáveis de palavras mais do falar lusitano. No caso, *brincos* em lugar de brincadeiras.

Vago o lugar, Simeão se dirigiu à palhoça, a fim de comunicar a Freitas a vaga que tinha havido.

Edmundo estava na palhoça. Arruda, vendo-o gozar daquela íntima convivência, sentiu exasperar-se-lhe o ciúme, mas pôde dominar-se. Cumprimentou a todos com a costumada amabilidade.

— Muito estimo encontrar aqui o seu amigo, coronel. Acabo de descobrir um grande furto no armazém de víveres a meu cargo. As suspeitas recaíram no fiel, que abusava de minha confiança, e demiti-o. Vago o lugar, peço ao Sr. Edmundo de aceitá-lo, e confio que não recusará meu oferecimento.

— Sinto muito rejeitá-lo. Não estou disposto a exercer empregos remunerados pela verba *Socorros Públicos*. Agradeço, entretanto, a atenção.

— O senhor ofende-me, disse o comissário.

— Absolutamente não. O senhor presta serviços sem remuneração, enquanto eu os prestaria por quatro ou cinco rações, rações que fariam falta aos famintos.

— Nesse caso ofereça-se gratuitamente, disse Arruda.

— Sai mais caro ao Estado.

— Como assim? perguntou o comissário visivelmente perturbado; a alusão o havia alcançado em cheio.

— Pagando-me às ocultas e com generosidade. Como viver sem recursos e trabalhando sem vencimentos?! O senhor naturalmente tem rendas que lhe garantam a subsistência.

— Lá isto é verdade.

— Quando for tempo, ninguém mais do que eu saberá ser patriota.

— Sua recusa me entristece, Sr. Edmundo; entretanto, não preencheri o lugar sem tornar a ouvi-lo.

— Suponho que será inútil insistir.

Arruda não contava com a recusa de Silveira. Tinha como certo o seu desastre. Sem plano formado e vendo desfeito o laço que tinha armado, se retirou da palhoça, ainda uma vez jurando castigar a audácia de Edmundo.

Quando Josefa viu que o comissário ia longe, disse a Silveira:

— Devia ter aceitado o oferecimento do nosso protetor, Sr. Edmundo. Não pensas assim, Manuel?

Freitas, depois de um longo bocejo, mais significativo do que um cento de palavras, respondeu:

— Eu sei, Josefa?...

— A senhora não compreende minha posição. O emprego pode ser bom, creio mesmo que será rendoso, mas não me ficava bem aceitá-lo.

— E o senhor não está desempregado? Não é melhor trabalhar, ajudar o moço que quer protegê-lo e se mostra tão seu amigo? A

pessoa deve saber viver; não é assim que se passa neste vale de lágrimas, disse Josefa.

Freitas, temendo que a discussão se azedasse, pôs-lhe termo assim:

— Então, para o retirante só há o recurso das pedras do Mucuripe?

— E enquanto não entender o contrário a *alta sabedoria* do Sr. Aguiar.

— Suponho que muito breve estarei viajando naquelas brancas areias.

— Credo, Manuel, longe vá o teu agouro, disse Josefa.

— Por quê? Supões que estou contente com esta vida de vadio?

— Estarás tomando as lições do Sr. Edmundo?

— Não, minha senhora, seu marido tem bastante senso para dirigir-se; não precisa de mentor.

Carolina corou. A conversação voltava ao antigo terreno. Freitas a desviou.

— Não acha o transporte de pedras uma medida vexatória e extravagante?

— O maior dos absurdos. Justificam-no como um meio de livrar o povo da ociosidade. A medida é desastrada. Chega o retirante, é alistado, e no dia seguinte o comissário ordena-lhe que siga para a pedreira do Mucuripe, a duas léguas da Fortaleza, ida e volta, a carregar pedras para ter direito a uma ração. Inanido, cansado da viagem, às vezes velho e doente, segue o infeliz. Alguns nem chegam, com a carga que o governo lhes pôs às costas, ao porto do destino; caem no caminho e morrem de fome, de fadiga! Os que vencem a distância são mais desgraçados ainda, porque continuam a viver uma vida de misérias, de humilhações. Duas vezes por semana dão-lhe um litro de farinha e meio quilo de carne do sul, para se alimentarem com uma família, termo médio, de seis pessoas!

— Pobre gente! exclamou Freitas.

— E o governo, isolado em seu palácio, oculta-se de propósito, para não ver o desfilar do préstito da miséria pelas ruas da capital!

— E as mulheres, disseram-me, vão também à pedreira?

— Para nossa vergonha, exigem-lhes o serviço. E, que espetáculo contristador o cortejo de infelizes, seminuas, carregadas de pedras pelas ruas da cidade! Não tiveram pejo de afrontar o sexo frágil! Esqueceram-se que por humanidade deviam respeitar aquelas desgraçadas, entre as quais muitas ainda ontem gozavam dos mimos da fortuna no doce aconcheco do lar.

— É uma crueldade.

— E qual a utilidade dessas pedras? Esses braços enfraquecidos pela fome, por que não os fortalecem e depois não os empregam num trabalho útil e com um salário razoável? O porto da Fortaleza,

com o qual têm-se gasto tantos contos de réis, só para pintá-lo, por que não se faz?

— E que veio fazer a comissão de engenheiros?

— Estudar a causa das secas e procurar evitá-las. E sabe quanto vence cada um desses ilustres científicos? Um conto de réis por mês! Afilhados do ministro, validos dos medalhões do país.

— E não há uma esperança de melhoramentos de sorte?

— Qual, coronel. O Brasil acostumou-se a imitar a Europa, isto é, na legislação. Quem lê nossas leis admira a liberdade do povo e sua prosperidade. Começamos pela gramática e acabamos pelo a-bê-cê.

— Haja vista a reforma eleitoral.

— A mascarada do *empenho de honra*? Tudo se reforma! A política tudo absorve! Os nossos estadistas amam demais a encenação. Os legisladores dão às leis a maleabilidade da cera. São feitas para serem interpretadas à vontade do governo. E se é em matéria eleitoral, então é um verdadeiro escândalo.

— Se cuidassem no que é utilidade, havia tanto que fazer!

— A palestra hoje foi bastante longa; são horas de tornar a casa. E Edmundo retirou-se.

## CAPÍTULO VI

SIMEÃO DE ARRUDA estava desapontado com a indiferença de Carolina, que cada dia mais se acentuava, e era devida às visitas de Edmundo. Era necessário afastar Silveira da palhoça, o que faria embarcando-o à falsa fé no meio dos retirantes, para o norte ou sul do Império, e, caso falhasse esse meio, mandaria assassiná-lo.

A casa construída para Freitas estava acabada; o comissário, no dia em que foi recebê-la, passou pela porta de Quitéria para avisá-la da próxima mudança da família. A feiticeira fê-lo entrar; queria receber algum dinheiro adiantado pelos serviços futuros.

— Queira entrar, meu capitão, e sentar-se.

O comissário aquiesceu.

— Acho-a muito triste, está doente?

— Foram as almas dos enforcados que o botaram por aqui. Nunca pensei sofrer tanto! Se não fosse o temor do inferno já teria desesperado.

E Quitéria começou a chorar.

— Diga-me o que lhe aconteceu. Em mim tem um amigo pronto a socorrê-la.

A feiticeira fingiu alentar-se e, soluçando ainda, disse:

— Só Deus pode enviar, como enviou, um espírito cristão e benfazejo, para livrar-me de tão grande tribulação.

E Quitéria calou-se; parecia sufocada pelos soluços.

— Não se amofine, minha senhora. Confie em mim, e, se lhe posso valer, diga-me a causa de seus pesares.

A feiticeira descobriu o rosto e, mais consolada, falou:

— Fui insultada pelo dono deste pobre rancho. Devo-lhe cinquenta mil-réis de aluguéis, mas a dívida não dá direito ao insulto. Ordenou-me que saísse, senão mandaria destelhar a casa! Como sairei daqui? Para onde irei? Ah! homem sem coração! Atirar uma pobre velha à rua!

— Como se chama esse tirano?

— Não queira saber o nome desse homem mau, meu capitão. A religião manda perdoar as misérias do próximo e esquecê-las pelo amor de Deus. É caridade ocultá-las.

— A senhora tem alma grande! Aqui tem a quantia de que necessita.

E Simeão entregou à feiticeira uma nota de cinquenta mil-réis.

Os olhos verdes de Quitéria brilharam de contentamento. Ajoelhou-se, pôs as mãos e, fitando uma imagem de Cristo, exclamou:

— Meu Deus e Senhor, prostrada, vossa indigna serva vos pede que aceiteis a esmola que me acaba de fazer este bom cristão.

A feiticeira iria longe com a sua jeremiada se Arruda não a interrompesse:

— Basta, D. Quitéria, estou convencido de sua gratidão. Vou mandar construir uma casa para a senhora; ninguém mais a incomodará.

Com esta promessa, a feiticeira, que já se havia calado e posto de pé, quis-se ajoelhar e fazer novas exclamações, mas o comissário a conteve, despedindo-se e saindo.

A casa para o coronel estava pronta; era necessário mobiliá-la. Para isso não foi preciso ao comissário mais do que timbrar algumas dúzias de *furta-cores* e mandá-los ao tesoureiro. Estava ansioso por ver a família de Freitas junto de Quitéria.

Simeão comprou em poucas horas os móveis, que arrumou ele mesmo na casa, e foi entregar a chave a Freitas.

Chegou à palhoça contentíssimo:

— Dá-me as alvíssaras, coronel?

— Por quê?

— Se não dá, pedi-las-ei a D. Josefa.

— Já sei, está pronta a casa, disse a mulher de Freitas.

— Adivinhou; não imaginam o prazer que sinto: esta palhoça me contrariava.

— Seus favores serão recompensados de Deus, senhor comissário, disse Josefa.

— O Sr. Edmundo! disse Carolina, olhando para o caminho.

— Estimo que me encontre aqui. Desejo saber se está resolvido a aceitar o meu oferecimento, disse Simeão.

— Até ontem não estava resolvido, disse Freitas.

— Isso me contraria, porque o estimo e desejava tê-lo como auxiliar.

— Talvez pense hoje de outro modo. Não há motivo para rejeitar tão generosa oferta. Se Manuel o aconselhasse, estou certa que aceitaria o emprego.

— Costumo só dar conselhos quando nos pedem. E demais Edmundo tem bastante discernimento para guiar-se.

— Qual, Manuel, a mocidade tem loucuras e o teu amigo não caiu do céu por descuido.

— Para julgá-lo te considero pouco habilitada.

Edmundo entrou na palhoça. Simeão foi o primeiro a saudá-lo.

— Falávamos a seu respeito. Discutíamos as vantagens do emprego que lhe ofereci. A nossa respeitável amiga D. Josefa é de opinião que deve aceitar o lugar que pus à sua disposição.

— Sinto dizer-lhe que estou no mesmo propósito.

Simeão fez um gesto de desgosto.

— Dá um parecer franco, Manuel. Dize-lhe que aceite o emprego, disse Josefa.

— Não admito reflexões dessa ordem! Estás-te excedendo, Josefa! . . .

— Desculpe, coronel: a sua virtuosa esposa exprime-se assim pelo muito que quer ao nosso amigo Edmundo.

— Agradeço o interesse que D. Josefa toma por mim, mas é ocioso insistirem para que aceite tal emprego.

— Não falemos mais nisso. Hei de provar-lhe minha simpatia. Peço-lhe freqüente nossa casa, que me honre com suas relações.

— Agradecido. Não serei indiferente às finezas que me tem dispensado, disse Edmundo.

O comissário se dirigiu a Freitas.

— Permita-me, coronel, oferecer a chave de sua nova habitação à sua digna filha?

Freitas fez um gesto afirmativo, e Arruda, se aproximando de Carolina, entregou-lhe a chave.

A moça corou até à raiz dos cabelos e disse-lhe:

— Obrigada.

Edmundo empalideceu.

— A mudança pode ser hoje mesmo. À tarde mandarei os meus criados para mudá-lo.

— Não é preciso tomar mais esse incômodo. Não temos trastes. Quem conduziu até aqui estes *cacarecos*, os levará mais adiante.

— É bom vir uma pessoa guiá-lo.

— O senhor insta, aceitarei mais esse obséquio.

— Quando o verei agora, Sr. Edmundo? Aceite o meu cartão; nele encontrará a rua e o número de meu gabinete. A casa é escolástica, por isso nada de cerimônia. Apareça, disse Arruda.

— Obrigado, irei visitá-lo.

O comissário saiu, depois de ter ouvido de Josefa mil agradecimentos. A pobre senhora não sabia como agradecer a Simeão o favor de abrigá-los!

— O que pensa da generosidade do Sr. Simeão? perguntou Freitas a Edmundo.

— Eu sei, coronel... contam tanta coisa desses comissários...

— É um grande pecado pensar mal do próximo, ponderou Josefa.

— Os tolos são sempre crédulos, disse Freitas.

— Mas não são maliciosos, disse Josefa.

— Não sei por que o Sr. Arruda não me merece confiança, disse o coronel.

— Hei de restabelecer a verdade. Procurarei o Sr. Simeão e em breve direi quem ele é.

— Suponho que o Sr. Edmundo encontrará um homem de bem e muito caridoso.

— Muito estimarei se assim for, D. Josefa. O romance foi que me preveniu.

— Querem culpar o moço por um engano.

— És muito ingênua, Josefa.

— Suspendamos todos os nossos juízos, vou conhecê-lo para julgá-lo.

— Mas sem paixão, disse a mulher de Freitas.

— Com toda a imparcialidade. Comprometo-me, sob minha palavra de cavalheiro, a voltar aqui muito breve com minha opinião firmada sobre Simeão de Arruda.

E assim terminou a discussão.

## CAPÍTULO VII

OS CRIADOS DE ARRUDA se apresentaram na palhoça e acompanharam Freitas e a família à nova casa.

Todos estavam mais ou menos satisfeitos com a habitação, exceto o coronel que, de semblante fechado, não dava palavra.

Carolina olhava com indiferença para tudo aquilo, mas Josefa não cessava de admirar os móveis, pobres, porém decentes, de louvar a generosidade do comissário e de rogar-lhe mil bens. Estava inocente em todo aquele drama. Via Simeão um homem cuja caridade não tinha limites. Faltava-lhe, entretanto, uma das qualidades para bem viver-se no mundo, a perspicácia. Confiava demais na probidade alheia, era de boa fé, como se diz vulgarmente.

Freitas havia levado o seu toro de madeira e colocado a um canto da sala. Seria sua cadeira enquanto fosse retirante. Depois que os criados de Arruda se retiraram, ele disse a sua mulher:

— Está tudo muito bom, mas com franqueza digo-te, preferia o nosso rancho. É difícil viver tranqüilo aqui. Estes móveis fazem-me lembrar a nossa casa e essa lembrança magoa-me o coração! Ah! Josefa, se há felicidade no mundo, consiste unicamente na paz do espírito. De que serve a riqueza com os seus gozos e delícias, quando a alma é amargurada por um pesar? Quisera antes a nossa palhoça batida dos ventos. Qual será o preço dessa proteção? Pensamentos maus têm-me assaltado o espírito e me desalentado.

— Não te compreendo, Manuel. Aceitamos os favores de um homem, que espontaneamente se mostrou nosso amigo. É um agente do governo autorizado a socorrer os desvalidos. Estamos nesse caso, e seria orgulho nosso rejeitar a esmola, quando necessitamos. Até agora ainda não temos razão de desconfiar do homem que nos protege, pelo menos eu de nada sei; contudo, se te contraria aceitar tal favor, voltemos a nosso rancho. Estou pelo que quiseres.

— É tarde. Vela por tua filha e confiemos em Deus.

Freitas passou mal a primeira noite na nova casa. Almejava o alvorecer do dia, a luz do sol, para reanimá-lo. A insônia havia sido mortificante e lhe abatera ainda mais o espírito, já tão depauperado. Ao primeiro clarão do sol, levantou-se e foi sentar-se em seu toro de madeira, à porta de entrada. A aragem fresca da manhã pouco a pouco acalmara-lhe o espírito, que a meditação havia excitado.

A feiticeira também passou mal a noite, estudando a sua apresentação em casa do coronel. Levantou-se cedo e não teve tempo de rezar senão um padre-nosso. Quando abriu a porta, já Freitas estava sentado à entrada da casa.

Quitéria, vendo-o, riu-se, encolheu os ombros e disse entre dentes:

— É um figurão! parece-me um frade. Que barbas do Senhor São Pedro, comparando mal! Vamos ver quem sai mais. Estavam ontem com tanta cerimônia e hoje já tão cedo saem da toca.

Carolina levantou-se após seu pai e veio ter com ele. A feiticeira, admirada da beleza da moça, resmungou:

— Tem bom gosto o comissário! A menina é bonita como uma rosa! Que lindos cabelos louros que tem! Parece ser tão novinha! Que olhar amoroso! É perfeita como uma imagem!

Cantarolou o verso de um bendito e continuou:

— Por menos de um conto de réis não ajudarei o Sr. Simeão, e se não mo der eu acho quem queira... O mundo está cheio de gente de bom-gosto e de dinheiro. São horas de apresentar-me.

Quitéria entrou para a alcova, tirou da mala de pregaria um vestido de alpaca preta já esverdeado, ainda do luto do seu defunto cabo, vestiu-o, deitou o veterano lençol de cabeça, deixando apenas os olhos e o nariz de fora, enrolou um grande rosário de coco na mão direita, fechou a porta e saiu para a casa de Freitas. Chegando, pediu-lhe licença e entrou.

— Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo, meu bom senhor e senhora, disse Quitéria, se inclinando quase até o chão.

— Bom dia, minha senhora, queira sentar-se, disse Freitas oferecendo-lhe uma cadeira.

— Venho cumprir o meu dever de vizinha. Não se admirem de minha visita não se ter demorado. Costumo visitar todas as pessoas que vêm morar perto de mim e oferecer-lhes meus serviços. Simpatizei muito com os vizinhos e apressei-me em vir pôr à sua disposição os poucos préstimos de uma pobre velha.

— Agradeço muito a sua atenção e aproveito a ocasião de oferecer-lhe também os meus serviços.

Josefa, que já estava de pé, veio à sala.

— Bom dia, disse, entrando, a mulher do coronel.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas, minha dona, disse a feiticeira, inclinando-se e estendendo a mão que segurava o rosário.

— Já sei que é nossa vizinha, disse Josefa.

— Vizinha e criada, acrescentou a feiticeira com a maior humildade.

— Veio oferecer-nos os seus serviços e amizade, disse Freitas.

— Muito estimo e agradeço-lhe, disse a mulher do coronel.

— Já cumpri meu dever; não de permitir que me retire; ainda vou ouvir a santa missa, essa devoção de todos os dias. Ali é o meu pobre rancho, estarei sempre às suas ordens.

Quitéria, depois de ter indicado com o dedo sua casa, curvou-se respeitosamente diante de todos que estavam na sala e saiu para a igreja.

Edmundo havia muitos dias que não aparecia em casa do coronel. Continuava suas indagações sobre o comissário; só queria encontrar-se com Josefa depois de firmada sua opinião. Já sabia que o comissário era casado, tinha filhos, era crapuloso e se embriagava de vez em quando. Quis conhecê-lo de perto e procurou-o no seu gabinete.

Simeão recebeu-o com um apertado abraço.

— Seja bem-vindo o mais novo, porém o mais simpático dos meus amigos.

— Sempre a penhorar-me com suas finezas.

— Diga-me: que milagre foi esse? Estava perdendo a esperança de vê-lo nesta pobre casa.

E Arruda fez Edmundo sentar-se a seu lado.

— Pretendi sempre visitá-lo e já não o havia feito com preguiça.

— Tem visto o nosso coronel?

— A última vez que o vi foi naquela tarde.

— Também não tenho aparecido por lá, depois daquele dia. Vivo sempre ocupado e atropelado com esse maldito serviço de socorros. O tempo não chega para os meus negócios particulares. Tenho pedido por vezes exoneração de tão pesado cargo, e o governo por forma alguma me tem querido dispensar. Ainda ontem disse mui positivamente ao presidente da província que se de todo não quisesse exonerar-me, eu dava parte de doente.

Batem à porta. Simeão faz ponto em seu discurso, e vê que mão descarnada procura abrir o postigo da rótula; enfurecido grita:

— Retire-se, retirante dos diabos! não falo hoje com essa canalha, corja de ladrões, mentirosos, capazes de tudo quanto há de ruim.

Um gemido foi a resposta que teve o insulto de Arruda: a mão retirou-se e o infeliz seguiu.

— Desculpe, meu amigo, essa gente só se tratando assim; abusam de minha paciência e forçam-me a tratá-los mal. Agora vamos tomar um pouco de licor.

E deitou chartreuse, em dois cálices, que bebeu com Edmundo.

— Bom licor! disse Silveira, depois de esvaziar o cálice, que colocou sobre a mesa.

— É obra do frade.

— Tem bom gosto!

— Que tal o meu gabinete, Edmundo?

— Está bem decorado.

— Nada como a vida escolástica! Viva o celibato! havemos de saudá-lo, não com chartreuse, mas com curaçau.

— Agradeço, sou fraco.

— Qual! licor não embriaga, alegre o espírito e faz do fraco forte.

E encheu dois cálices, que beberam.

— Hurra! pelo celibato.

— E sempre teve essas idéias? perguntou Edmundo.

— Para falar-te a verdade, não. Já pensei uma vez em casar-me, o que dou graças a Deus não ter levado a efeito. Não és da minha opinião?

- Não.
- Eu não me lembrava que és noivo...
- Está brincando.
- Não, e até me ofereço para testemunha do casamento. Aceitas?
- Se casar algum dia.
- Eu te considero já na lista dos papéis queimados.
- Engana-se.
- Veremos. A tua amável presença deu-me grande contentamento! Hoje o dia será nosso, havemos de passear por essa cidade toda.
- E não vai ao abarracamento?
- Qual! os retirantes que se arranjam como puderem. Já te disse que o dia é nosso. Rejeitas meu convite?
- Aceito...
- Já embarcaste?
- Não.
- Nem foste a bordo?
- Nunca.
- Hei de te mostrar hoje, meu matuto, o que é uma casa sobre o mar.
- E tem que fazer a bordo?
- Alguma coisa. Embarcarão hoje quatrocentos retirantes do meu abarracamento.
- Pobre gente!...
- O que sai não nos faz falta.
- Agora não fará, estou certo, porém, quando voltarem os tempos regulares, onde ir buscar braços para a lavoura?
- Não falemos em coisas tristes; vamos ao embarque, que a hora se aproxima.
- E Simeão, depois de fechada a porta do seu gabinete, saiu com Edmundo para o porto.

## CAPÍTULO VIII

CHEGOU A HORA DA SEPARAÇÃO. Quatrocentos retirantes de todas as idades marchavam em préstito para o porto da cidade. Era triste aquela procissão, como o desfilar de um enterro. Todos magros, macilentos e esfarrapados, davam ao cortejo a cor sombria da tristeza. Forçados a abandonar a terra natal, caminhavam desalentados. Pela cadência do passo lento e grave podia-se avaliar do desgosto que lhes ia na alma! Seguiam em silêncio, e muitos tinham os olhos pisados de chorar! Chegaram ao porto do embarque. Quatro grandes lanchas, próximas da praia pela vazante da maré, se balançavam nas

ondas da arrebentação, esticando as correntes das amarras, cujas âncoras mordiam as areias do porto. Eram os batéis que deviam transportar a bordo do vapor *Pernambuco* os infelizes condenados a abandonar a pátria. O navio, ancorado perto da costa, movia-se, preso à amarra de proa, de bombordo a estibordo.

O préstito parou ao lado do velho trapiche.

Os encarregados do embarque, num açodamento cruel, faziam transportar os retirantes para bordo das lanchas. O serviço era feito de um modo desumano e aflitivo! Não havia um cais, uma ponte para atracar as embarcações. Uma dúzia de homens fortes e musculosos, nus, tendo apenas uma tanga, trabalhadores da capatazia do porto, faziam o embarque, a tostão por cabeça, com a mesma humanidade com que costumavam carregar os fardos de algodão, os sacos de açúcar. Não havia ali respeito à velhice, decoro à honestidade e proteção à infância! Queriam ganhar depressa o seu tostão, e a moça, o velho, o menino, eram conduzidos do mesmo modo aos ombros, e chegando a borda da lancha, atiravam-nos sem piedade, como se fossem corpos inanimados!

As crianças gritavam assombradas, quando se viam carregadas de mar adentro, e muitos dos carregadores faziam-nas calar a empuxões! Além do modo bárbaro de embarcá-los, por cúmulo de perversidade, a zombaria dos trabalhadores, a galhofa que faziam dos seios das mulheres expostos pela nudez à sua brutal irrisão e que a fome havia reduzido aurchas pelangas!

Em completo desalento olhavam pesarosos para a alvura diamantina das praias de sua terra e muitos choravam.

A bordo das lanchas era horrível a confusão. Os lancheiros, com uma crueza de brutos, acavalavam os emigrantes como se fossem fardos de mercadorias! Os raios do sol tostavam-lhes a pele, e cada vez mais afogadiça tornavam a atmosfera das embarcações. Era quase meio-dia, e os emigrantes estavam em perfeito jejum.

Arruda havia chegado à praia com Edmundo e assistiam àquelas cenas de canibalismo. De bordo de uma das lanchas, logo que o comissário se apresentou na praia, os retirantes praguejaram:

— O castigo de Deus te persiga, miserável! És a causa de nossa desgraça! Maldição sobre ti, sedutor das filhas alheias! A cadeia seja teu fim, ladrão do dinheiro do nosso rei!

Arruda ouviu as pragas e deixou com o companheiro aquele sítio.

O paquete largaria dentro de duas horas, e o comissário, temendo ver frustrado o seu plano, fretou uma jangada. A bordo com Edmundo, mandou que o mestre se fizesse de vela para o *Pernambuco*. Apesar de baixa-mar as ondas se encapelavam levantadas pelo vento que soprava rijo. Passaram a primeira onda, chegaram à segunda e grita o mestre:

— Calça a bolina!

Uma vaga se ergueu, acastelou-se na proa da embarcação e um lençol d'água levou tudo que encontrou.

— Estamos safos, patrão, disse o mestre.

— Felizmente, porém molhados como pintos, disse Arruda.

A jangada corria sobre as ondas com a velocidade de um vapor. A vela latina atufava-se com o vento e a embarcação estendia sobre a superfície verde do mar uma esteira branca de espumas. O mestre manobrava com arte, e o batel passava a todo pano entre os inúmeros navios ancorados no porto, sem receio de um abalroamento. Aproavam para o *Pernambuco*. Em poucos minutos, fizeram a viagem e tinham à frente o bojo negro do navio, que saía do mar como um comprido recife.

— Cuidado, Pedro, temos o vapor pela proa e perto! Agüenta a jangada... Tira a bolina... Ferra a vela!... grita o mestre no leme, governando.

Atracada a embarcação à escada de ré, subiram os passageiros. Simeão de Arruda, da amurada do navio, dirigiu-se ao mestre:

— A jangada fica por minha conta.

— Ciente, patrão, sua bolsa é minha guia.

— Agora vamos ver o que é um vapor, coisa admirável para quem o vê pela primeira vez.

— Um dos bons produtos do engenho humano, respondeu Silveira, olhando atentamente para os mastros e para tudo que o cercava.

— Estás admirado?

— É verdade: mas sinto a cabeça tontear, não sei se será efeito do licor ou algum começo de enjôo.

— Isso passa. Aproxima-se uma lancha de retirantes que vai atracar na proa; vamos assistir mais perto a baldeação.

— Não posso seguir, as pernas pesam-me como se fossem de chumbo.

— Apóia-te no meu braço e vamos.

E Arruda, dando o braço a Silveira, o conduziu por bombordo até perto do mastro grande onde ficaram.

A lancha tinha atracado; trazia mais de cem retirantes maltrapilhos e molhados. Muitos, atacados de enjôo, vinham deitados e expostos à soalheira; outros choravam, debruçados na borda da lancha, com o olhar fito em terra. As crianças, entorpecidas de fome e afogueadas de calor, deixavam pender as fronteiras sobre os regaços ossiculados das mães, que o mais que podiam fazer por elas era dar-lhes a sombra esguia de seus corpos!

A brisa do mar soprava quente, como se viesse de atravessar um campo incendiado. O espaço era azul e nem uma nuvem assomava no horizonte anunciando que o tempo iria se aborrascar!

Abriu-se o portaló de proa para dar entrada às vítimas da seca. Os passageiros do navio, debruçados nas amuradas, assistiam à baldeação daqueles esqueletos animados. Os empregados de bordo recebiam-nos brutalmente. Não encontravam ali piedade.

A lancha ia largar, quando o imediato do navio se dirigiu ao patrão:

— Ainda temos muito deste gênero em terra?

— Três lanchadas.

— Com mil diabos! Temos agora a peste a bordo! Diga lá que mandem a mercadoria mais bem acondicionada, que esta chegou muito avariada, e, se continuar a vir assim, ficará, durante a derrota, toda no mar, cevando as tainhas. Puxem pelos remos que largamos cedo.

E o imediato, virando as costas à lancha, disse aos retirantes:

— Deste mastro de proa para a ré nem um passo! Arrumem-se aí como puderem; se ficarem como sardinha em tigela e se for quente o sol queixem-se da sorte; se à noite chover e fizer frio, queixem-se de Deus, que não deu inverno à sua terra.

Muito poucos dos emigrantes, com semelhante tratamento, resistiriam à viagem. Das crianças não escaparia uma só!

Era a emigração a última desgraça reservada ao cearense; e a emigração forçada, porque não queriam sair e o governo da província a isso os obrigava, diminuindo todos os dias os socorros. Seis vezes por mês, tocavam os paquetes do norte e sul na Fortaleza e todos levavam emigrantes!

O plano do comissário parecia caminhar a bom êxito. Edmundo sentia se agravarem os incômodos. Simeão não perdia o mais leve sinal da moléstia do companheiro. Era grande a sua satisfação. Aproximava-se a hora da saída do paquete, e era necessário que Edmundo caísse de todo. Arruda levou-o à câmara, quase arrastado. Sentou-o em um banco e observava com o maior sangue-frio os efeitos de enjôo, que aumentava à custa do calor que ali fazia e do cheiro especial de tais lugares.

Silveira enfraquecia a olhos vistos. O olhar havia-se amortecido de todo: de pálpebras cerradas, esperava a morte como termo à agonia que o prostrava. Suas feições descompostas, estavam quase cadavéricas. Acreditava que ia morrer, tais eram os sofrimentos. De todos os poros do corpo exsudava um suor gelado que lhe esfriava a pele; as extremidades estavam álgidas; a respiração era

curta; o pulso pequeno e fraco, e, de quando em quando, vinha uma vertigem.

O estômago, que até então não tinha sido influenciado, veio aumentar os padecimentos causados por aquele estado mórbido.

Edmundo havia caído de todo; estava completamente à mercê do morte e estirou-se no banco, a fio comprido, para melhor morrer. O mundo a andar-lhe à roda, o coração a bater sem ritmo, a preguiça pulmonar, tudo isso era o menos, era suportável, à vista da angústia que sentia no estômago, angústia que se manifestava, não por vômitos, mas por um estado nauseoso, aflitivo e desalentador.

Edmundo havia caído de todo; estava completamente à mercê do comissário.

Arruda olhava para a vítima, sem a menor piedade, e ficaria completando o fruto de sua obra se a sineta de bordo não avisasse que o pacote ia levantar ferro.

Simeão, em um instante, pôs-se no portaló de ré e fez sinal ao jangadeiro para atracar.

A jangada atracou, recebeu-o e aproou para terra.

Duas lanchadas carregadas de retirantes bordejavam perto do vapor, esperando ordens de bordo.

Os quatrocentos emigrantes, que tinham vindo de terra para o *Pernambuco*, foram recebidos: porém o imediato, não tendo acomodações para mais de duzentos, pô-los em forma, sem atender que ali iam famílias e que seus membros deviam ficar reunidos, e começou a contagem do começo da coluna. Chegando a duzentos fez voltar o excesso para as lanchas, que ficaram bordejando.

Os retirantes obedeceram e guardavam o momento de voltar ao vapor, quando o navio suspendeu a âncora e aproou para o sul.

A confusão foi horrível. Um só grito de desespero, um eco longo de um só pranto partiu das lanchas e da proa do *Pernambuco*. Assistia àquela angustiosa cena com uma impassibilidade de bruto o comandante do vapor, fumando cachimbo no convés. O imediato, não menos cru, de pé, junto ao homem do leme, parecia não ouvir o pranto que a dor a mais intensa arrancava da alma daqueles desgraçados!

Quanto mais se afastava o navio, mais aumentava o alarido.

— Meu pai que vai! Minha mãe que ficou! Meu filho! Meu marido! Meu irmão!

Quase todos exclamavam, quase todos lastimavam uma afeição que ficava, um amor que seguia.

Arruda foi testemunha de toda a cena, mas não se comoveu. Chegando em terra, foi para casa; estava livre de Edmundo.

## CAPÍTULO IX

MANUEL DE FREITAS ia vivendo com a família, graças aos socorros que lhe mandava semanalmente o comissário Simeão de Arruda.

Quitéria do Cabo freqüentava a casa do coronel e conseguiu que Josefa e Carolina fossem três vezes rezar em sua casa o terço das almas, sua predileta devoção.

A mulher de Freitas e a filha simpatizavam com a feiticeira; uma criatura tão religiosa, que cumpria com tanta constância os preceitos da religião, que era piedosa, e fazia toda a sorte de mortificações pelo amor de Deus, não podia, pensavam, deixar de ser credora de todo o respeito, de se impor à amizade dos que tinham a felicidade de conhecê-la.

Carolina vivia triste. Edmundo prometera voltar e nunca mais aparecera! Dois meses se haviam passado, e nem uma nova sua. Freitas e Josefa se interrogavam sobre a ausência do moço e não podiam descobrir a causa. Pediram notícias ao comissário, e Arruda respondeu-lhes que nunca mais o tinha visto.

Simeão sentia prazer com o viver aborrecido de Carolina. O ar melancólico da moça, a languidez do olhar, sempre fito em uma imagem ideal estacionada na mente, cada vez mais excitava os desejos sensuais do comissário. As faces de Carolina, rosadas como as boninas do campo, iam pouco a pouco desmaiando, tornando-se cor de bogari. Arruda compreendia a causa daquele abatimento, que francamente se percebia. Aquele desalento da alma ofendia-lhe o amor-próprio, mas havia de rendê-la pelo dinheiro ou pela fome. Acreditava que a honra não podia morar com a miséria na mesma tenda. Resistiria aos primeiros dias de fome; depois, vencida, entregar-se-ia.

O estado de Carolina inquietava o comissário porque as feições da moça começavam a alterar-se e a formosura já não era a mesma. Era necessário apressar a execução do plano e só Quitéria do Cabo podia fazer isso amigavelmente.

Arruda foi ter com a feiticeira.

Voltava da missa, às oito horas da manhã, quando encontrou-se com o comissário defronte de sua casa. As saudações foram as do costume, amáveis e delicadas.

— Sempre na sublime prática da religião, D. Quitéria.

— Sou uma grande pecadora, meu capitão!

— Sabe o que me traz à sua honrada casa?

— Saberei quando V. S<sup>a</sup> mo disser.

— Pedir-lhe um favor que é da religião. Estou resolvido a casar-me, não só para cumprir os sacramentos da igreja, como também para formar família, único amparo que temos na velhice.

— Pensa muito bem; se eu me tivesse casado moça, teria tido filhos e não me veria hoje só e à mercê de todos os caprichos da sorte.

E duas lágrimas rolaram pelas faces macilentas de Quitéria.

— Já fiz minha escolha. Suponho que será aprovada de Deus e do mundo, pois a moça é virtuosa e pobre.

— Quanta generosidade! Procurar uma noiva entre a pobreza hoje só faz quem já é do céu.

— Aproxima-se, porém, o tempo de realizar o casamento, e ainda não consultei a vontade de minha escolhida. Por várias vezes tenho tentado declarar-lhe os meus sentimentos, mas, medroso, recuo, sentindo aquela timidez do amor puro, dos sentimentos sublimes do coração.

— Quanto pudor! Que exemplos edificantes de honestidade!

— A proteção que tenho dispensado à família em que pretendo entrar, há concorrido muito para meu silêncio. Pobre e completamente desprotegida, encontrei-a numa palhoça e abriguei-a. Entre-tive depois relações e conheci que prestava serviços a uma família de sentimentos nobres, outrora rica e que fora atirada pelos caprichos da sorte às garras da miséria.

— Cada vez me convenço mais de suas virtudes. O casamento é da religião e houve homens que foram santos somente por terem concorrido para a realização desse sacramento. Diga-me: em que posso servi-lo?

— Quase depende de seu auxílio a minha felicidade. Sabe, a minha escolhida é a sua vizinha.

— Feliz Carolina! E nem podia deixar de ser abençoada do céu! Com que fervor rezava aqui, à noite, o terço das santas almas! Que linda noiva que serás! Como brilharão teus cabelos doirados sob o branco véu de linho! Como estou satisfeita! Que casamento feliz! Duas almas virtuosas unidas pela igreja!

— Suas palavras me confundem, D. Quitéria. Vamos agora a saber o modo de efetuar essa união, que a senhora agoura tão bem. O governo continua a internar os retirantes, muito embora as esperanças do inverno estejam desvanecidas. Não sei se essa família pretende retirar-se. Queria antes de tudo ouvir a opinião de D. Carolina. Podia pedi-la logo, mas desejo primeiramente consultá-la.

— V. S<sup>a</sup> é muito sensato.

— Cumpre-me pedir-lhe sua autorização. Porém, onde? Em sua casa? É impossível; vejo-a sempre de relance, não pode ser. Se frequentasse a sociedade, seria fácilimo; os bailes são ótimos lugares para as declarações, os intervalos das contradanças, bons auxiliares, as valsas, verdadeiros excitantes do amor que desponta. Peço-lhe de aconselhar-me, suponha que ouviu um filho e que tem de ensinar-lhe

o caminho que deve seguir. Quero franqueza. Se for preciso dinheiro, gastar-se-á.

As últimas palavras de Simeão produziram grande efeito no ânimo de Quitéria. Volveu rapidamente os olhos verdes, abriu-os o mais que pôde, como para ver o tesouro que prometiam confiar à sua discrição e em que saciaria a cobiça. Fingiu depois que meditava, que reunia idéias dispersas. Quem a visse não duvidaria de que iria manifestar os sentimentos da alma, que ouvia a voz da consciência, para poder dar opinião franca e sincera sobre o que acabava de ser consultada. Seu olhar vivo e investigador tornou-se amortecido e terno; parecia estacionada diante de um quadro que a comovia. A feiticeira lia no coração do comissário como num livro aberto. Devassava-lhe os mais ocultos pensamentos. A sua resposta abriria o campo às negociações. O preço estaria na razão direta das dificuldades apresentadas à execução do plano. Quitéria olhou com ternura para Arruda e falou-lhe:

— Pede-me V. Ex<sup>a</sup> um conselho, quer ouvir-me; falar-lhe-ei como se tivesse a felicidade de ser sua mãe. Depois, como uma criatura a quem os longos anos de experiência custaram muitas lágrimas: o casamento é um passo arriscado, a ponto de São Paulo dizer que será melhor não casar, mas a Igreja o quer, devemos obedecer-lhe.

Arruda deu um fundo suspiro, ouvindo a opinião do santo, o que não passou despercebido à feiticeira.

— Porém esse modo de pensar de São Paulo não nos deve contrariar; não se segue que devemos condenar o casamento. Santo Agostinho apresenta em seus sermões o solteirão como a serpente que, na solidão do covil, maquina a perdição dos que dela se aproximam. E eu, cuja única felicidade nesta vida foi devida aos anos em que desfrutei as delícias do matrimônio, considero o sétimo sacramento da Igreja como a única ventura neste mundo cheio de trabalho. É V. S<sup>a</sup> um homem virtuoso, e a escolhida de seu coração uma moça educada na santa religião de Cristo. Que motivos terá ela para recusar a mão de tão distinto cavalheiro? É verdade que o amor tem caprichos e eu que o diga. Acho prudente consultá-la.

— Aonde e de que modo?

— Tudo é fácil, quando temos perseverança ajudada das orações, dos pedidos aos santos da corte do céu. Não me ofereço para consultar a vontade da moça, porque entendo que essa consulta deve ser feita por V. S<sup>a</sup>.

— Acho muito acertado o seu parecer.

— Comprometo-me a proporcionar-lhe ocasião de entender-se com ela, aqui mesmo neste humilde rancho.

— Quando?

— Vou fazer uma trezena ao Senhor Padre Santo Antônio, e, concluída que seja, será o dia que quiser.

— Muito bem; parece que tudo se combina para felicitar-me.<sup>44</sup> Quando começa a devoção?

— Hoje mesmo, mas são precisas velas de cera branca.

— Não seja esta a dúvida; aqui estão cinquenta mil-réis para as despesas.

— Agradeço-lhe pelo Senhor Padre Santo Antônio. Farei, hoje mesmo, o sonho de Santa Helena, pelo qual pretendo ver o futuro de tão virtuoso par. Já sei que verei campos verdes, águas correntes, aves cantando.

— Feliz coincidência! Finda-se a trezena no dia de meu aniversário natalício. Bom agouro! Reunirei à noite alguns amigos e será aqui, se mo permitir.

— A casa é de V. S<sup>a</sup>, temo somente as más-línguas.

— Não haverá festa, apenas trarei minha família, irmãs e tia, alguns amigos para, reunidos, passarmos parte da noite.

— Eu não farei parte da reunião. Estarei recolhida a meu quarto, rezando como costume.

— Posso ficar certo que, na última noite da trezena, conversarei com D. Carolina?

— Creia em minha vontade.

— Ainda uma vez, agradecido.

Arruda retirou-se, certo do triunfo: Carolina seria sua amante.

Enquanto o comissário e a feiticeira urdiam aquela trama, Freitas, cada dia mais desalentado, pensava no futuro. As primeiras chuvas do falso inverno de 1878, o fuzilar dos relâmpagos e o estampido dos trovões, em 5 de janeiro, trouxeram-lhe vivas recordações do sertão. Vivia como a planta exótica nos primeiros tempos da aclimação. A energia vivificada pelo amor à família e de sobejo provada nos transe dolorosos da mais penosa peregrinação, ia-se-lhe amortecendo aos poucos. O meditar de todos os dias, de todos os instantes, o cansaço da velhice, as tribulações da alma e tudo sem uma esperança, diminuían os meios de ação do seu espírito forte.

Freitas já não olhava sereno para o perigo, não havia aquela firmeza de outrora nas linhas do rosto quando a dor despedaçava-lhe o coração. A calma das feições, embora tivesse a alma ferida pelos agulhões do pesar, havia desaparecido!

A lágrima, caía-lhe das faces por qualquer contrariedade. Nunca o tinham visto chorar, e agora o fazia diariamente. Via-se pobre e

---

<sup>44</sup> Já advertimos, antes, sobre certas impropriedades ou ousadias de R. T. no emprego de certas palavras ou expressões. No caso, a palavra *felicitar-me* deveria ser *fazer-me feliz*.

humilhado. Às vezes olhava para a estrada que o tinha conduzido àquele porto e que fora testemunha de seu heroísmo, e sentia-se fraco para regressar. Perdera a coragem, a força, talvez para sempre.

Teve um dia uma esperança; um raio benfazejo dardejou-lhe na alma, ao mesmo tempo que salvava a artilharia do espaço e a chuva regava a terra. Chegou a reanimar-se, a ter um momento de energia e ergueu-se disposto a enfrentar os perigos com a coragem de outra. Lutaria, se a esperança não o abandonasse. Desiludido, sem nada que o acalorasse, caiu de novo em profundo abatimento. Custou-lhe muito assistir à queda de mais uma esperança, e, abandonado somente ao recurso aviltante da esmola, sentiu-se degradado para sempre.

O inverno tinha apenas sido uma ilusão, um sonho que a mente do infeliz povo acalentara alguns dias. Os mais crédulos, animados com a idéia de uma boa colheita, com um esforço heróico e supremo, semearam a terra. Mal a germinação se completou, ainda bem os cotilédones do embrião não se desuniram para deixar sair a hastícula, foram crestados pelo sol! Tudo não passou de uma ilusão, mas de uma ilusão que custou muitos sacrifícios.

A família cearense debandava-se de novo. Os que tinham ficado no torrão natal, esperando a aurora de uma nova época, abandonavam amedrontados a casa da infância e fugiam para a capital!

O ano de 1878 seria calamitoso!

A continuação do flagelo, contra a previsão de todos, teria conseqüências ainda mais desastradas, se não caísse a situação conservadora e não fossem chamados os liberais ao poder.

O novo governo<sup>45</sup> encontrou a província nas mais desoladoras circunstâncias. Na Fortaleza, mais de cento e quarenta mil almas de população adventícia, abarracadas em roda da cidade e, por cúmulo de incúria do governo da província, nos edifícios públicos e casas particulares do centro da capital.

Toda a província em deplorável estado de abatimento pela certeza da continuação do flagelo, sem víveres e sem recursos, e a lutar com a peste que se havia desenvolvido das praias ao sertão, se aniquilaria, se o governo que subia, com o mais acrisolado patriotismo, não procurasse por todos os meios atenuar os efeitos do mal.

---

<sup>45</sup> Trata-se do governo do Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, 41.º presidente da Província, nomeado em 9 de fevereiro de 1878 e exonerado em 4 de maio de 1880.

## CAPÍTULO X

A FEITICEIRA, fiel à promessa que fizera ao comissário, foi, no dia em que acabava a trezena, à casa de Freitas.

— Acabo hoje uma devoção que fiz ao Senhor Padre Santo Antônio, para que tão bom e milagroso santo interceda por nós a N. S. Jesus Cristo. Foi uma trezena. Desejava que no último dia da oração se reunissem os fiéis da vizinhança, a fim de juntarem suas súplicas em favor do infeliz povo torturado pela seca. À vista disso, venho pedir à minha respeitável amiga o favor de ir assistir com sua família a essa piedosa prática da religião.

Josefa ouviu com atenção as palavras de Quitéria e respondeu-lhe:

— Talvez não me seja possível ajudá-la em seus piedosos exercícios. Acho-me doente e por esse motivo impossibilitada de sair de casa. Certa de que atenderá às razões que apresento, aproveito a ocasião para agradecer-lhe a atenção.

— Crendo piamente nos sentimentos religiosos de minha boa amiga, não posso deixar de acreditar em suas palavras; o seu respeitável rosto me afirma que sofre. Quando chegamos à meia-idade tudo nos persegue. Quando somos moços, a saúde é inalterável. Veja D. Carolina, forte e robusta, simpática e formosa como uma rosa-amélia!

— Qual, D. Quitéria, não é mais aquela menina viva de quando morávamos no sertão.

— Se minha amiga não puder ir, consinta que a sua bela filha vá à trezena perfumar com a sua inocência, com suas virtudes as nossas preces. Eu virei buscá-la.

— Pode ser, entretanto, que eu melhore e possa ir também.

— Deus o permita. Vá, minha filha, pedir aos céus para darem fim a este flagelo da seca e rogar pela saúde de sua santa mãe, disse a feiticeira, acariciando Carolina.

— Se eu não for, ela irá, D. Quitéria.

— Eu as espero. Até a noite, disse a feiticeira se despedindo.

Quitéria encontrou-se com Simeão à porta de sua casa e entraram.

— Sei que volta da missa, onde por certo não se esqueceu de mim; tive sem dúvida um padre-nosso?

— Um terço, como sempre, e de quebra uma coroa a S. Rita dos Impossíveis, a fim de auxiliá-lo hoje na grande batalha de seu coração.

— Então é hoje?

- Sem dúvida; acabo a trezena como prometi.
- E o convite?
- Está feito.
- Será possível?
- E certo.
- Então vem D. Carolina com toda a família?
- Ela e talvez D. Josefa.
- Melhor... Quanta confiança depositam na senhora os seus vizinhos! Parece-me um sonho!
- É a posse da felicidade.
- Como me sinto feliz! A senhora assistirá ao meu casamento.
- Como é um sacramento, irei, mas como a menor de suas criadas.
- Não, como uma das testemunhas.
- Quem sou eu!
- A que horas finda a trezena?
- Às oito horas da noite.
- Estarei aqui com minha família.
- Não repare encontrar a sala aberta e eu no meu quarto. As minhas obrigações para com as santas almas me proíbem de assistir qualquer reunião por mais íntima que seja.
- Então faça-me um favor; depois da devoção deixe saírem todos os devotos. Se D. Carolina vier só, fique com ela na sala até que eu chegue para consultá-la.
- E se vier com a mãe?
- Nesse caso a senhora levará D. Josefa para um quarto, a fim de lhe confiar um segredo qualquer. Devo encontrá-la sozinha, para pedir sua opinião sobre o casamento.
- Será como diz.
- Mandarei mais tarde deixar uma cesta; guarde-a.
- A casa é de V. Sa.
- Aqui tem esta quantia para dar de esmolas, hoje, em minha intenção.
- E Simeão entregou vinte mil-réis à feiticeira.
- Quanta generosidade! Agradeço-lhe em nome dos pobres tão grande esmola; irei pessoalmente distribuir com os necessitados.
- Simeão retirou-se contentíssimo.
- Quitéria, enquanto pôde ser ouvida do comissário, rogou-lhe mil bens; depois abriu a velha mala de pregaria, guardou o dinheiro, dizendo:
- Pobre sou eu que não tenho papai governo, nem sou comissário. Fica aí para os tempos magros, meu dinheiro. Como está ge-

neroso, dando logo vinte mil-réis para esmolas aos pobres! Ora, as devotas devem pedir, mas para Deus castigá-lo das diabruras que tem feito e não para lhe dar o céu. Não é mais do que passar a vida a seduzir as filhas alheias e, depois da morte, um cantinho no reino da glória! Vá-se aprontando, meu comissário, para se divertir em uma caldeira de chumbo derretido na casa de Satanás.

Arruda, ansioso, esperava a noite. Havia convidado alguns de seus companheiros de libertinagem para uma orgia na casa de Quitéria. Ao pagode não deviam faltar mulheres e álcool. Uma grande cesta de diversos vinhos, doces e charutos mandou para a casa da feiticeira. Na incerteza de ficar de posse de Carolina naquele dia, mandou vir à sua presença dois dos afamados *chefes de turma*, e ordenou-lhes de levar, às nove horas da noite, à casa de Quitéria do Cabo cinco mulheres das mais novas e mais formosas do abarracamento. Dadas essas ordens, mandou aqueles empregados que fizessem vir a seu gabinete o companheiro João Azogue. Era um retirante que se havia celebrizado pela força, agilidade, perversidade e coragem. A sós com ele, disse-lhe Arruda:

— Nunca precisei tanto dos seus serviços. Estou metido em uma empresa arriscada e será hoje o dia do triunfo, senão o da derrota.

— O patrão dirá o que é preciso fazer para se ganhar. Se forem precisos cem mortos, a ponta de minha faca ainda não se quebrou, e das últimas que fiz, a folha ainda conserva manchas de sangue.

Arruda empalideceu e disse:

— Nada de mortes. Sabes da casa da feiticeira Quitéria do Cabo?

— Não é uma casa perto da que o patrão fez, há pouco tempo?

— Exatamente. Em frente há um cajueiro. Às oito horas da noite tu deves estar escondido à sombra da árvore, mas de um ponto onde tenhas debaixo de vista a sala da feiticeira. Ver-me-ás entrar, sentar-me e conversar com uma moça loura e bonita. Não deves perder um só de meus movimentos. Quando eu montar uma perna sobre a outra é a ocasião, é o sinal. Tu partirás como uma flecha, entrarás de sala adentro, tomarás a moça nos braços e dispararás numa carreira vertiginosa para o Retiro. Eu te seguirei a cavalo.

— E se ela gritar?

— Mostra-lhe tua faca, ameaça-a, mas nem de leve a toques.

— E se não se calar?

— Que importa isso? Tens que caminhar apenas um quarto de légua até a Casa do *Retiro* por uma vereda deserta; ninguém te alcançará. A tua carreira é veloz como a do veado. As ordens são estas, não te afastes uma linha.

— Serão cumpridas, patrão.

## CAPÍTULO XI

ÀS OITO HORAS DA NOITE estava Simeão de Arruda em casa de Quitéria do Cabo. A sala estava deserta e iluminada por duas velas de carnaúba. Mobiliavam-na algumas cadeiras de pau, sem encosto, uma mesa, e quatro quadros de madeira com retratos de santos ornavam as paredes.

O comissário entrou e sentou-se. Reinava ali completo silêncio. Não parecia morar ali ninguém! Passava-se o tempo e não se realizava o que a feiticeira havia garantido.

João Azogue, como a fera, escondido à sombra do cajueiro, aguardava o momento de se lançar sobre a vítima.

Nove horas marcou o relógio e Carolina não aparecia! Arruda estava a estourar de cólera. Quitéria o havia iludido. Pensava em vingar-se dela, quando chegaram à porta Xenofonte e mais alguns companheiros de pagode. Entraram e foi imediatamente aberta a cesta de bebidas. . .

Xenofonte foi o primeiro a examinar as provisões; depois, olhou para os quadros que pendiam da parede, e ia fazer o elogio de alguns dos canonizados, quando Simeão segredou-lhe ao ouvido algumas palavras.

Um dos quadros representava S. Pedro abrindo as portas do céu; foi o que Xenofonte viu primeiro e Arruda não teve tempo de impedir que o seu conviva dissesse:

— Aqui está o carcereiro-mór do céu! . . .

Quitéria provavelmente ouviu o que disseram do santo, porque saiu lá de dentro o som de algumas palavras.

Carolina não aparecia. O comissário estava exasperado com o logro, pensava que a feiticeira o iludira. Quitéria do Cabo, pelo contrário, havia empregado todos os esforços para que Josefa consentisse em ir a filha à trezena. À hora marcada, apresentou-se para acompanhar a moça. A promessa de Josefa fora feita sem ouvir a opinião do marido e daí resultou à feiticeira o desgosto de voltar só.

Carolina recusou com obstinação acompanhar Quitéria; parecia adivinhar. À hora em que deveria ser roubada e prostituída, entoava a oração da noite, humildemente prostrada diante duma imagem da Virgem, que lhe havia dado o padrinho vigário, no dia da primeira comunhão.

O comissário estava desapontado. O seu primeiro pensamento, quando se convenceu do logro da feiticeira, foi entrar no quarto de Quitéria e quebrar-lhe à pancada todos os ossos, e depois penetrar à força em casa de Freitas, tirar-lhe a filha e conduzi-la aonde os seus gritos, os seus prantos não pudessem ser ouvidos. Faria

isso se aquela família ainda dormisse no descampado. O arrombamento duma casa, entretanto, não era coisa tão fácil, e, exasperado, exclamou:

— Armei-os contra mim! Se ainda estivessem na palhoça, satisfaria os meus desejos, embora para isso fosse preciso a faca e a perversidade de João Azogue.

Seus companheiros ouviram-no, mas não compreenderam-no.

João Azogue foi retirado da sentinela e veio para a sala de Quitéria.

Arruda estava desesperado, só havia um recurso para esquecer a contrariedade: era o álcool.

Algumas garrafas de champanha foram abertas e o comissário foi o primeiro a beber.

Pouco tempo gastou o álcool para chegar ao cérebro.

Estavam pouco mais ou menos alcoolizados, no período da excitação, quando entraram os chefes da turma acompanhando cinco mulheres. Xenofonte foi o primeiro a saudá-las de copo em punho:

— A vós, mimosas flores do sertão! O mundo é o amor e o álcool! Bebamos, companheiros, em regozijo do comparecimento de tão formosas criaturas.

O vinho passou das garrafas às taças e dessas ao estômago.

Beberam homens e mulheres, exceto uma moça que se escondia atrás das companheiras. Era muito nova, parecia ter quatorze anos, morena e de olhos negros. Tinha a fisionomia triste e as pálpebras vermelhas de chorar. Xenofonte notou que não tomava parte no brinde, aproximou-se e entregou-lhe uma taça cheia de vinho. Recusou. Um dos chefes de turma, Roque da Piedade, segredou-lhe ao ouvido uma ameaça e a infeliz, trêmula de susto, recebeu o copo.

Xenofonte pediu atenção e falou:

— Que vem fazer o pranto nesta festa? Para que a tristeza vem escurecer com suas cores o quadro de nossas alegrias? Nesta idade, mulher, quando se abre à tua frente um mundo de ilusões e de esperanças, quando as horas doces do amor se aproximam, para que consentes a lágrima do pesar queimar-te a face?! Não chores, bebe e goza. Afasta de tua imaginação a idéia triste que te persegue. Entrega-te ao vinho e ao amor. Eu brindo às sensações que te esperam. Upa! upa! upa!

Os copos esvaziavam-se. Vitorina, assim se chamava a mulher que chorava, não quis beber. Roque impôs-lhe com um gesto, e o vinho foi ingerido entre soluços e lágrimas. Arruda indagou quem era Vitorina e por que chorava. Disseram-lhe os empregados que aquela moça tinha perdido os pais, havia quatro dias, que ainda era virgem, que não tinha parentes na Fortaleza, e, como tinha

ficado só no mundo, devia pertencer ao mundo e por isso haviam-na trazido para o comissário servir-se dela.

Simeão ouviu as informações sem comover-se. Não bebeu mais, era preciso conservar a inteireza física. Não seria Carolina a vítima; seria Vitorina.

Um dos amigos de Arruda, conhecido pelo pseudônimo de D. Ribas, um dos mais libertinos e viciados, tendo ouvido a história da órfã, levantou-se, cambaleando, e pediu a palavra:

— Eu brindo à órfã de quatro dias, a filha do povo. Compete-nos a glória de fazê-la feliz. As sensações que gozamos no lupanar são as mesmas que sentimos no leito conjugal. O matrimônio e o adultério produzem os mesmos gozos. Aquele foi autorizado por um homem vestido de sotaina, este sancionado pelo amor de duas criaturas que se queriam unir. Companheiros, saudemos com entusiasmo a jovem sertaneja. Viva! viva! viva!

Vitorina ouviu o som daquelas palavras, já meio embriagada. Ajudaram-na a levantar e fizeram-na beber mais. Estava quase ébria.

As outras mulheres, veteranas na crápula, ainda não se tinham rendido completamente. Tinham as faces incendiadas, os olhos injetados, sentiam os móveis andarem à roda e algumas cambaleavam.

Xenofonte estava completamente bêbedo, falava com dificuldade e não obstante pediu a palavra:

— Meus senhores, minhas senhoras. Inspirado nas palavras de meu amigo D. Ribas, vou desenvolver a tese que apresentou. O que há neste mundo que não seja matéria orgânica e inorgânica? Quem poderá afirmar que exista alma e que seja imortal? Deixemos essa crença para os imbecis, deixemo-la como arma dos padres, desses hipócritas de batina, deixemo-la para as beatas, as feiticeiras no uso de suas bruxarias.

Quitéria soltou um gemido longo, bufou do fundo do quarto.

Xenofonte continuou:

— Eu sou materialista. Deus para mim é uma palavra sem sentido. Desde a monera até o elefante, desde o protococo até o sicômoro, desde o átomo até a rocha, só se precisou do tempo, luz, água e calor!

Xenofonte não podia ligar mais as idéias; vencido pelo alcoolismo, caiu sobre a cadeira e ficou a resmungar baixinho palavras sem sentido, a babar-se.

Quitéria rezava no seu quarto o credo, medrosa de um desacato físico à sua pessoa.

As velas que estavam acesas, as únicas que havia, bruxuleavam. A intermitência da luz, a alternativa de claridade e escuridão, dava ao quadro da orgia uns tons sombrios, macabros. Escurecia; as figuras dos pagodistas confundiam-se na pretidão da noite, até que

uma nova cintilação brilhava, um clarão baço, por um instante permitia a visão da bacanal. Via-se então a crápula em toda a sua hediondez.

As prostitutas espojavam-se no chão, tomando posturas indecentes, provocando os amantes.

Simeão de Arruda, menos alcoolizado que os companheiros, abraçava-se com Vitorina que, completamente ébria, num automatismo absoluto, entregava-se sem resistência.

As luzes se apagaram. Nem mais uma cintilação permitiu ver a onda de bêbedos, a se revolverem em sua degradação. Apenas ouvia-se o tinir de copos que se quebravam, o cair de cadeiras que se viravam, as gargalhadas das devassas e os gemidos da inocente!

Fervia a bacanal! Um som abafado como de um aulido ouvia-se de quando em quando, alternado com um estertor, mas um estertor sensual e não da agonia.

A noite se passou toda assim. A embriaguez dissipou-se pela manhã.

Os pagodistas levantaram-se: tinham no semblante estampados os estigmas da crápula. Os chapéus estavam amarrotados, as gravatas tinham saído dos domínios do colarinho e laçavam o pescoço nu. Consertaram as roupas e depois esfregaram com força os rostos, a fim de apagarem as manchas da sensualidade e da embriaguez. Medrosos da luz, foram saindo, um a um, olhando para todos os lados e prestando atenção a tudo.

As mulheres saíram também por sua vez. A crápula havia deixado nelas sinais mais fundos do que nos homens. Algumas tinham os olhos completamente injetados e a pele das faces coberta de ligeiras equimoses vermelhas.

Vitorina saiu incorporada às prostitutas. Ainda inconsciente de sua perdição, e meio aturdida, seguia para o abarracamento. Tinha os lábios e faces pisadas.

Uma noite de crápula bastou para crestar aquela flor de quatorze anos.

## CAPÍTULO XII

QUITÉRIA DO CABO, quando teve certeza de que ninguém mais se achava na sala, levantou-se. Que noite passou! Havia de algum modo prevenido que os vizinhos presenciassem a orgia. Muitos dias antes, espalhou a notícia do aparecimento de um fantasma na noite em que findasse a trezena: era uma alma penada que saíria em

penitência pelas ruas, logo que dessem nove horas, e prevenia aos devotos para que se conservassem recolhidos às suas casas.

A feiticeira rezou o credo e o ato de contrição, e, armada de vassoura, se dirigiu para a sala. Ia trêmula, supondo encontrar o demônio escondido em algum canto. Entrou, pé ante pé, observando tudo. Parou no centro do aposento e resfolegou aquela atmosfera saturada de vapores de aldeído<sup>46</sup> e de deboche. A feiticeira sentiu impressioná-la aqueles cheiros, e percebidas as impressões, o seu olhar se amorteceu num requebro voluptuoso. A sensualidade adormecida pelos anos de continência despertou; aquele cheiro era o mesmo que sentia, nas noites de crápula, junto do amante embriagado e libidinoso. Quitéria ficaria horas inteiras no gozo daquela recordação carnal se a necessidade extrema de pôr os móveis da sala em ordem não a arrancasse daquele torpor. Era grande a desordem da mobília; não havia uma cadeira de pé, uma garrafa que não tivesse rolado, um copo inteiro.

A feiticeira começava a arrumação, quando chega-lhe a porta D. Josefa, acompanhada da filha. Quitéria perturbou-se, mas em tempo pôde dominar-se. A mulher de Freitas vinha desculpar-se de sua falta. A feiticeira, depois de chorar e de se maldizer muito, contou o que se tinha passado em sua casa, depois da oração. Para inspirar mais confiança a Josefa, levou-a para o quarto e, em segredo, disse que alguns libertinos e vadios tinham-lhe invadido a casa, que quis resistir, mas foi repelida com insultos e pancadas, sendo obrigada, para escapar à morte e à sanha dos perversos, a abandonar a sala e fechar-se no quarto.

Josefa acreditou piamente nas palavras de Quitéria e consolou-a.

Carolina, enquanto a mãe conversava com a feiticeira, sentada na sala com os olhos fitos no chão, pensava em Edmundo. A abstração tinha intervalos. Em um desses instantes, mais em contato com o que a cercava, viu que muito perto de si estava uma carteira no chão, aberta no meio de alguns papéis. Olhou-os com atenção. Levantou-se, apanhou os papéis e tirou duas cartas subscritas ao coronel Manuel de Freitas. Ao lado da carteira havia um maço de notas do tesouro. Carolina viu o dinheiro, mas não o tocou. A moça recolheu as cartas ao bolso do vestido, e ansiosa esperava que a mãe acabasse a conferência.

Josefa não se demorou muito a voltar à sala, acompanhada de Quitéria, de quem, com a filha, se despediu, depois de ter ouvido mil agradecimentos.

---

<sup>46</sup> É o químico, que havia em R. T., interferindo no campo do ficcionista. *Aldeído* é, em química, "álcool desprovido de hidrogênio".

A feiticeira, logo que se viu só, continuou a arrumação da sala, mas de porta fechada. Estava tudo em ordem, e concluía a varredela quando parou de repente a vassoura, recuou como se tivesse visto uma cascavel aos pés. Os olhos verdes moveram-se rápidos, mordeu os beiços, aproximou-se do objeto que a fizera recuar e apanhou-o. Era a carteira do comissário Simeão de Arruda.

Quitéria examinou os papéis, reparou as notas do tesouro, contou-as, dobrou-as, reuniu os documentos que estavam espalhados no ladrilho e recolheu tudo à carteira. O dinheiro exacerbava-lhe a cobiça e a impaciência de ocultá-lo. A cada momento, ouvia bater à porta e entrar o dono reclamando-o. Era preciso uma resolução, e foi a astúcia quem a ditou. Abriu a mala e recolheu mais aquela quantia pertencente aos socorros públicos. Inquietavam-na agora os dizeres dos papéis. Que diriam? Se soubesse ler! Olhou muitas vezes ainda, antes de guardá-los e tratou da concepção de um plano, cujo fim seria disfarçar o furto. A carteira era a mesma do comissário, conheceu. Viria reclamá-la e talvez não se demorasse. Era preciso uma resolução pronta, e Quitéria voltou à sala, dispôs os móveis como havia encontrado, espalhou o cisco, virou garrafas, enfim, ninguém notaria diferença no cenário. Feito isto, se recolheu ao quarto, depois de ter aberto a porta da entrada da casa. Preparou-se para a comédia, amarrando um grande lenço encarnado na cabeça e deitou-se na rede.

Arruda não pôde almoçar, embora tivesse tomado, para diminuir a inapetência do alcoolismo, uma boa dose de *pyretic saline*. Levaria o resto do dia nessa apatia dos sentidos se, por um acaso, não desse pela falta da carteira. Ficou atônito com a certeza do prejuízo. Não pensou mais senão em reavê-la; sem dúvida, acreditou achá-la na sala de Quitéria, e para lá se dirigiu.

Chegou à porta da feiticeira e espreitou.

Quitéria, havendo-o pressentido, começou a soltar gemidos do ridos e compassados.

Arruda pôs-se de pé no batente da porta, e examinava com olhar investigador a pequena sala. Tudo estava como havia deixado, percebendo-se não ter entrado ali ninguém.

Ia voltar, quando lembrou-se de que uma entrevista com a feiticeira, podia orientá-lo. Bateu palmas, e teve em resposta um gemido magoado. Esperou alguns minutos e tornou a anunciar-se; desta vez ouviu Quitéria dizer muito a custo:

— Se... é... cristão ... filho... de... Deus... entre... me... valha...

— É Simeão de Arruda.

— Ai... ai... que... dor... morro... sem... confissão... Socorro...

O comissário não se fez esperar e entrou para o quarto de Quitéria, que representava com admirável habilidade o seu papel. Quem a visse, toda envolvida em um lençol, com o rosto extremamente pálido, profundamente sulcado, os olhos cerrados, as feições numa decomposição assustadora, as mãos aveladas<sup>47</sup> e frias, cruzadas sobre o peito, acreditaria que estivesse moribunda.

Simeão contemplou-a por alguns minutos e, plenamente convencido de seus atrozes sofrimentos, perguntou:

- Está enferma, D. Quitéria?
- Às... portas... da... morte...
- Quer um médico?
- Um... padre...
- É preciso ter quem cuide da senhora. Sozinha nesta casa não vai bem. Quer que chame os seus vizinhos?
- Não... vêm... ai... ai... ai... ai...
- Ainda ninguém veio hoje aqui?
- D. Josefa... e... a... filha...
- Não quer médico?
- Amanhã... se... for... viva... quero... ir... para... o hospital.
- Então, até amanhã.
- Jesus... ai... ai... ai... eu... morro... ai...

Arruda saiu, crente que Quitéria estava às portas da morte e que a carteira fora apanhada pela mulher ou pela filha de Freitas.

A feiticeira continuou a gemer, por espaço de uma hora. Logo que teve certeza de que Simeão ia longe, calou-se e foi tratar da vida. Fechou a porta da rua e tratou de quebrar o jejum, o seu maior auxiliar na farsa que representara, fazendo-a empalidecer mais e esfriando-lhe as extremidades.

## CAPÍTULO XIII

NA PEQUENA SALA, reunidos Freitas, a mulher e filha, liam as cartas que Carolina achou em casa de Quitéria.

Concluída a leitura da primeira, que era de Inácio da Paixão, passaram à segunda. Manuel de Freitas lia, em voz alta.

“Meu respeitável amigo. — Minha carta vai surpreendê-lo, não só por ser escrita do Recife, como também pelos motivos de minha

---

<sup>47</sup> Aveladas = enrugadas.

viagem. Fui vítima de uma traição. Em minha última visita à sua casa, prometi aproximar-me de Simeão de Arruda, para conhecê-lo e depois julgá-lo, e esse contato mais íntimo foi-me fatal. O laço que armou foi tão bem urdido que nele cairia o mais astuto. Convidou-me para um passeio a bordo, levou-me ao navio, e quando o enjôo me prostrou de todo, voltou para terra e deixou-me entre os infelizes que expatriavam! Como dói deixar forçadamente o torrão natal! Adormecer contemplando o azulino céu da pátria e despertar rodeado de irmãos desgraçados, sem outra esperança a não ser um pedaço de pão esmolado na terra alheia, sem outra aspiração mais que um desejo veemente de vingança! Simeão de Arruda desterrou-me à falsa fé, porque não cogitou da intensidade de meu ódio. Como é sombrio um depósito de retirantes! Como desalenta ver uma família enorme, a chorar noite e dia, sem esperança de um conforto! A ilha do Pina foi o lugar escolhido para o nosso suplício. Além de todas as dores do corpo e da alma, por cúmulo de crueldade fecham-nos as cisternas; até água nos dão de ração, por esmola! Peço-lhe de apresentar à família os meus protestos de amizade. Quando eu for livre, o meu primeiro passo será em rumo de minha terra, a minha primeira idéia, a vingança de meu algoz. Adeus. Seu amigo verdadeiro, *Edmundo da Silveira.*”

Freitas findou a leitura da carta, indignado e comovido. Josefa meditava e Carolina, a quem aquele desastre mais feria, chorava em silêncio.

Nenhum comentava o fato. O coronel acreditava num aviso da Providência. Urgia uma medida que afastasse o comissário de sua casa. Cada vez sentia-se mais acabrunhado. A carta do amigo veio-lhe atribular mais o espírito já tão abatido pelas rudes contrariedades. Cumpria-lhe rejeitar a proteção do comissário, evitar o seu contato. Que motivos, porém, apresentaria para assim proceder, quando Arruda nunca lhe havia faltado com o respeito, pelo contrário, era todo atenções?

Josefa, depois de ter refletido sobre o acontecimento e ouvido a opinião do marido, opinião muito desfavorável ao caráter de Simeão, tornou-se aflita e preocupada. Não podia saber qual o interesse de Arruda desterrando Edmundo. Parecia-lhe tudo aquilo mais obra do acaso do que uma cilada.

Freitas tinha juízo formado sobre o comissário. Por mais que a mulher lhe mostrasse a possibilidade de ter sido a viagem de Edmundo toda casual, não se convencia. Carolina se conservava silenciosa em todas as discussões. Simeão de Arruda cogitava os meios a empregar, a fim de obter sua carteira, que acreditava estar em poder de Manuel de Freitas. Ainda uma vez lembrou-se da feiticeira

para auxiliá-lo, porém a orgia a teria prevenido contra ele, e mesmo, talvez Quitéria tivesse morrido da enfermidade que a atacou no dia seguinte ao pagode em sua casa. Era preciso, entretanto, explorar o terreno. Uma visita a Freitas e alguns minutos com a feiticeira muito podiam orientá-lo.

O comissário, depois de estudar o modo de se apresentar ao coronel e à Quitéria, foi ter com eles.

Freitas continuava triste e abatido. Não havia remédio para aquela atonia d'alma! Josefa conseguira, depois de judiciosas considerações, que guardasse silêncio, ao menos por algum tempo, sobre as cartas encontradas por sua filha em casa de Quitéria.

A feiticeira, restabelecida de seus incômodos fantásticos, gozava melhor que nunca uma saúde tão robusta como aos vinte anos. O dinheiro de Simeão pô-la mais esbelta, e mais rija a espinha, para suportar o peso de meio século. Todas as noites, depois do terço do costume, abria a mala e tirava a carteira do comissário, os cartões, os papéis e o dinheiro. Olhava para tudo, dava suspiros fundos e recolhia tudo ao esconderijo, dizendo:

— Não saber ler! Não ter aprendido a contar dinheiro grande! . . .

Arruda encontrou Freitas sozinho, sentado no toro de madeira na sala de visita.

— Como tem passado, meu caro coronel? A ilustre família como vai de saúde?

— Arrastando o peso da velhice e sem nenhuma esperança de melhorar de sorte.

— Acha-se doente? Está abatido. A vida da cidade, com o ar insalubre, tem decerto concorrido para alterar-lhe a saúde.

— Os meus sofrimentos são morais. Ao descrente tudo aborrece, tudo amargura, e a morte, como termo aos padecimentos da vida, deve ser a única e mais legítima aspiração.

— Alguma contrariedade o aflige, estou certo.

Josefa, que do interior da casa ouvia as palavras do marido, apareceu na sala a fim de desviar a conversação.

— Bom dia, Sr. Arruda, como V. S<sup>a</sup> tem passado?

— Atarefado de serviço como sempre, minha senhora. Como passam os pequenos, e D. Carolina?

— Vamos todos vivendo, graças à bondade e proteção de V. S<sup>a</sup>, melhor do que os nossos patrícios.

— O nosso coronel é que está hoje de mau humor!

— Não é fora de razão sua tristeza; não vê como o inverno iludiu, como a seca continua? Manuel esperava retirar-se por todo este mês. Contava que no dia do Senhor S. José caíssem chuvas copio-

sas, mas nesse dia o sol foi tão abrasador como grande, depois, o seu desânimo!<sup>48</sup>

— Não deve desesperar, coronel; quem teve tanta coragem, tanta energia nos momentos mais críticos da vida, é de supor que não se abata, já no fim da peleja.

— Ontem eu tinha independência, não tinha comido o pão da esmola! Conservava minha soberania e acreditava nunca perdê-la. Os favores, as proteções humilharam-me, não porque revoltassem o meu amor-próprio, mas porque eram inspirados por sentimentos iníquos e reprovados. E sabe o senhor como degrada a esmola, quando quem a distribui procura matar a fome e a honra...

— Oh! Manuel, como estás inconveniente! Como é que esqueces a civilidade! Queira desculpar meu marido, Sr. Arruda, são caprichos da velhice.

— Não se incomode, minha senhora. Compreendo bem a posição do coronel e sei que os sofrimentos de todos os dias cansam o espírito.

— Exatamente, Sr. Arruda. Estou certa que sua bondade desculpará estes momentos de tédio de Manuel.

— Por quem é, não fale mais nisso, D. Josefa. Sabe dizer quem mora ali?

E Simeão indicou a casa da feiticeira.

— Uma pobre velha que vive de servir a Deus, chamada Quitéria, respondeu Josefa.

— A minha pergunta não é ociosa. Voltava do abarracamento uma noite dessas e, quando passava pela porta daquela casa, ouvi na sala um barulho infernal, aproximei-me e vi que alguns rapazes embriagados tinham invadido a casa da pobre velha, e insultavam-na. Apeei-me e obriguei-os a retirarem-se. Estavam, como disse, bêbados e foi-me preciso lutar. Na luta, que foi um pouco séria, caiu, sem que pressentisse, a minha carteira que continha, além de papéis de importância, mais de um conto de réis em cédulas grandes. Anunciei pelos jornais e, até hoje, não me foram restituí-la.

— Custou a V. S<sup>a</sup> um prejuízo a caridade que fez.

— Certamente. Recomendo ao coronel e a D. Josefa, se porventura tiverem dela notícia, o favor de me avisarem. O dinheiro sei que não me restituirão, mas os papéis, se me entregarem, darei cem mil-réis de gratificação.

— Sim... disse friamente Manuel de Freitas.

---

<sup>48</sup> São José é o padroeiro do Ceará. Há, ainda hoje, difusa no espírito do homem do sertão, a crença de que, até o dia 19 de março, as chuvas devem ser esperadas, a cada ano. Se elas não caem até essa data, é sinal de seca declarada.

— Ficaré a meu cuidado, senhor comissário.

— Queiram-me dar suas ordens, disse Arruda, se despedindo.

Simeão estava quase convencido de que Freitas tinha em seu poder o dinheiro e os papéis. Sua cólera era devida, sem dúvida, à leitura da carta de Edmundo. Não podia admitir que o coronel alardeasse tanta independência, tanta inteireza de caráter, sem ter na mala o seu dinheiro. Era preciso ser ouvida Quitéria, e para lá se dirigiu.

A feiticeira tinha visto Simeão e, escondida na rótula, o esperava. Arruda entrou amável como nunca.

— Há de ter-me censurado pela ausência que fiz de sua honrada casa, D. Quitéria?

— Qual, meu capitão, nós, os pobres, somos pouco exigentes; não temos direito de reclamar as visitas dos ricos.

— Deixei de aparecer por motivos muito justos, a morte de um de meus melhores amigos.

— Coitado! Passou V. S<sup>a</sup> por esse golpe!

— A vida não é mais do que uma comédia. Quem viu Xenofonte cheio de vida, esperanças e ilusões, e em poucas horas trocar um mundo de aspirações pelo estreito espaço de uma sepultura descrê de todas as vaidades mundanas.

— Deus o tenha na glória; hoje à noite, rezarei um terço por sua alma.

— Ore por sua alma de anjo.

— Deve estar no céu.

— Assim o creio.

— Console-se, meu capitão; esse é o caminho de todos nós.

— Custa-me tanto sua separação!

— Essas lembranças o magoam; mudemos de conversa. Achou a carteira?

— Qual! Já perdi a esperança. E quem lhe disse que eu a havia perdido?

— D. Josefa. Eu tenho esperança de alcançá-la.

— Descobriu alguma coisa?

— Talvez...

— Diga-me o que sabe.

— Tenha paciência.

— Já sei que pegou o ladrão.

— Vi-o...

— Como?

— Sabe que lhe devo o meu coração. Desde o dia em que soube do seu prejuízo amarrei os meus santos, e atropelo as almas dos enforcados. Ontem fiz o responso do Senhor Padre Santo Antônio e vi...

- O quê?
  - A carinha da *ladrona*.
  - Como?
  - Dentro da tigela de água.
  - E se vê? E se conhece?!
  - Tão bem como o estou vendo. Ainda vi mais: pedi ao santo que queria ver a carteira e o lugar onde estava, e vi.
  - Conte-me o resto.
  - A carteira está aqui na vizinhança.
  - E quem a achou?
  - A santinha loura por quem V. S<sup>a</sup> morre de amores.
  - Forte desgraça!
  - Por caridade, não envergonhe a pobre família.
  - E o meu dinheiro?
  - Confia em mim?
  - Muito.
  - Prometo-lhe que muito breve terá sua carteira.
  - Promete?
  - Juro.
  - Então ficamos justos.
- E, num aperto de mão, selaram o acordo.

## CAPÍTULO XIV

VITORINA chegou ao abarracamento inda aturdida. O espírito foi pouco a pouco desanuviando-se, e numa penosa hesitação ficaria, se os acontecimentos da última noite, como sombras erradias e dispersas, não se agrupassem na imaginação, dando corpo a um fantasma hediondo. Eram aterradoras as reminiscências! A órfã viu-se na sala da feiticeira, cercada de meretrizes e libertinos. Parecia estar vendo o olhar insólito de Roque, ameaçador e terrível! Ainda soavam-lhe aos ouvidos as palavras dos pagodistas, os insultos dirigidos à sua inocência, à sua virgindade. Cavava o passado, e cada minuto que passava servia de túmulo a uma esperança, era o berço de um desgosto! Pensava, entretanto, que ainda era virgem. Tinha consciência, até o momento em que a obrigaram a beber o segundo copo de vinho; daí por diante, completamente ébria, não soube mais o que se passou. Sentia-se mal do corpo e da alma. Os músculos, em flácido quebranto, relaxavam-se como se precisassem descansar de uma viagem longa e trabalhosa. Além do espreguiçamento enfadoso em que o corpo se estirava, vinha-lhe de quando em quando